Obras completas de RAMALHO ORTIGÃO

Quatro grandes figuras literárias

CAMÕES, GARRETT, CAMILO E EÇA

3.ª EDIÇÃO

Emprêsa Literária Fluminense, L.da

125, RUA DOS RETROSEIROS, 125

LISBOA

OBRAS COMPLETAS

DE

RAMALHO ORTIGÃO

II

Quatro grandes figuras literarias

Camões-Garrett-Camilo e Eça

3.ª EDIÇÃO

RAMALHO ORTIGÃO

Quatro grandes figuras literarias

Camões-Garrett-Camilo e Eça

3.ª EDIÇÃO

EMPRÊSA LITERÁRIA FLUMINENSE, L.da
125, Rua dos Retroseiros, 125
LISBOA

NOTA DOS EDITORES

Com o presente volume começam os editores das obras completas de Ramalho Ortigão a reunir em livro a obra dispersa do grande escritor, tanto quanto possivel obedecendo a um plano de metodisação que, evidentemente, não podia deixar de ser subordinado a uma ordem cronologica e por escolha de assuntos no que se refere à colectanea dos dispersos.

Claro é que por circunstancias de vária ordem não se impõe seguir esse plano absolutamente à risca. Ha que atender a dificuldades de toda a especie, das quaes não é a de somenos importancia o facto de se encontrarem esgotados muitos dos melhores trabalhos do eminente critico das Farpas *e a demora na cópia dos respectivos originaes, obtidos de emprestimo, que muito vem embaraçar o já de si moroso trabalho material da tipografia. Assim se explica que iniciassemos esta colecção com o livro* Em Paris, *editado pela primeira vez*

no Porto em 1868, antes do volume Literatura de hoje, *por exemplo, que o foi em 1866.*

Quanto aos dispersos — que muitos são — aparecerão intercalando a serie dos trabalhos já reunidos em livro, e, como dissemos, seleccionados por ordem dos assuntos tratados — critica de arte, viagens, estudos e perfís literarios, estudos de tipos e costumes portugueses, e ainda os preciosos ineditos deixados pelo grande artista da palavra escrita, que é uma das legitimas glorias das nossas letras contemporaneas.

Para se avaliar do esforço que representa esta edição completa das obras de Ramalho, bastará citar que a sua bibliografia compreende vinte e tantos volumes originaes, incluindo a serie brilhantissima das Farpas, *hoje inteiramente esgotada; duas traduções, sete peças de teatro traduzidas, oito prefacios a varias obras e muita colaboração dispersa por quarenta e tantos jornaes de Portugal e Brazil, revistas, almanaques, numeros unicos, etc., assim resumidamente descriminada:*

Literatura de hoje *(1866);* Em Paris *(1868);* Historias côr de rosa *(1870);* O Misterio da Estrada de Cintra — *De colaboração com Eça de Queiroz (1871);* As Farpas *(1871);* Biografia da actriz Emilia Adelaide *(1871);* Banhos de Caldas e Aguas Mineraes *(1875);* As Praias de Portugal *(1876);* Teofilo Braga — *Esboço bio-*

grafico (1879); Notas de viagem *(1879);* A instrução secundaria na Camara dos Snrs. Deputados *(1883);* A Holanda *(1885);* John Bull — Depoimento de uma testemunha ácerca de alguns aspectos da vida e da civilisação ingleza *(1917);* Catalogo da sala de S. M. El-Rei; Exposição de Arte Sacra Ornamental, promovida pela Comissão do Centenario de S.to Antonio, em Lisboa, no ano de 1895; S. M. El-Rei D. Carlos I e a sua obra artistica e scientifica *(1908);* Pela terra alheia. Notas de viagem *(1916);* Ultimas Farpas *(1910-1915).*

TRADUÇÕES: Higiene da alma, *do Barão de Feuchterleben (1873);* Ginx's Baby, o Engeitado *(1874).*

TEATRO: O Marquez de Villemer, *comedia de George Sand;* Anthony; A Familia Benoiton; Je dine chez ma mère; Mr. Alphonse; O Acrobata; Electra, *de Perez Galdoz, unica peça publicada (1901).*

PREFACIOU: Primaveras, *de Casimiro de Abreu;* Os Lusiadas, *edição do Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro, prefacio que n'este volume se inclue (1880);* Quadros humoristicos, *de Eça Leal (1888);* Fabulas de La Fontaine *(1886); a edição monumental do* Amor de Perdição *(1889), tambem n'este volume incluido;* Cronicas de Valentina, *de D. Maria Amalia Vaz*

de Carvalho; O Actor Antonio Pedro julgado pela Arte e pelas letras *(1908);* Catalogo da Exposição do Brazil em Amsterdam.

JORNAES E REVISTAS EM QUE COLABOROU: Jornal do Porto, *de que foi redactor,* Brindes do Diario de Noticias *(7.º, 1872),* Revolução de Setembro, Diario Popular, O Occidente, Jornal do Comercio, Diario da Manhã, Gazeta de Noticias, *do Rio de Janeiro,* Renascença *(Porto, 1878),* Ilustração Portuguesa, Portugal, A Grinalda, Antonio Maria, Album das Glorias, Album de costumes portugueses, Jornal do Porto, O Camões *(1880-83),* Diario de Portugal, Revista Teatral *(1885),* Comercio do Porto *(Natal de 1895),* Leituras para Caminhos de Ferro, O Bombeiro Portuguez, Nova Alvorada *(1891),* Correio Nacional *(1892),* Dois Mundos *(1877-81),* Revista Portuguesa *(1894-95),* Correio da Manhã *(1895),* Portugal-Brazil *(1899),* No Tejo *(1887),* O Futuro *(Rio de Janeiro 1862-63),* Jornal de Belas-Artes, Livro do Centenario de Camões em 1880, Um feixe de pennas *(1886),* Revista de Portugal, Parodia, Serões, Comedia Portuguesa, *etc.*

ALMANAQUES: Dos Teatros *(1881),* Das Senhoras *(1882),* Camões *(1883),* Brazil-Portugal *(1901).*

NUMEROS UNICOS: Guilherme de Azevedo

(1889), O Festival de João de Deus, Lisboa Creche *(1884),* Um feixe de plumas *(1890),* etc. *Tambem colaborou no* In Memorian, *de Sousa Martins; no* Cosinheiro dos Cosinheiros *(Plantier); no folheto* Eça de Queiroz (questão de naturalidade) *e dirigiu a publicação do* Catalogo dos Manuscritos da Real Biblioteca da Ajuda, referente à guerra da Peninsula, por Cardoso de Betencourt.

Tal é, em resumidas linhas, a obra vastissima e sob tantos aspectos notavel, do grande escritor, que n'esta colecção nos esforçaremos por reunir em livro, naturalmente expurgada da parte a que o tempo fez inevitavelmente perder todo o interesse literario.

LUIZ DE CAMÕES

A Renascença e «Os Lusiadas»

Prefacio da edição do poema feita pelo Gabinete Portuguez de Leitura, do Rio de Janeiro, para comemorar o terceiro centenario do poeta.

Luiz de Camões

A RENASCENÇA E «OS LUSIADAS»

Do fundo tenebroso da Edade Média tinham sahido os trez factos fundamentaes da civilisação moderna: — a bussola, a imprensa e a polvora.

O emprego da polvora nas armas de fogo destitue a cavalaria, suprimindo pelo tiro de bala a distancia que separava a força do paladino coberto de aço da fraqueza da vilanagem leprosa, alquebrada pela fome e semi-nua.

A bussola, determinando um ponto fixo e invariavel atravez do espaço, habilita o mareante a orientar-se nas solidões do oceano, e ministra ao homem, pelas viagens maritimas, a posse completa do globo e a compreensão do Universo, até então circunscritos, um e outro, pela teoria geocentrica e pela lenda do Mar Tenebroso.

A imprensa, soltando as ideias como um enxame luminoso e alado, preenche o mundo

com uma claridade nova, e a esse *fiat-lux* dissipam-se para sempre as trevas da razão encarcerada na dialectica sacerdotal.

Da plenitude gloriosa que vem ao espirito humano d'essa triplice conquista, procede esta enorme festa — a Renascença.

Ao feudalismo medieval ia suceder a monarquia sem limites. Simplificação vantajosa, porque, em vez de milhares de forcas e de pelourinhos adstritos a cada senhorio, haveria uma forca só à porta de El-Rei, nosso unico senhor; em vez de bocas sofregas e vorazes sobre a eira, sobre os celeiros, sobre as arcas do vilão, aparecia apenas no horisonte varrido, ao longe, a mandibula cavernosa, bocejante, profunda, mas solidaria, da realeza absoluta.

Convém não ponderar com rigor excessivo as diferenças de bem-estar que caraterisam no progresso a transição de uma edade que se extingue para uma edade que começa. O povo do seculo XVI, como o convalescente de uma grande enfermidade, contentava-se com pouco para se locupletar na simples felicidade de viver. O povo chegava de muito longe, encanecido, macerado, faminto, meio tonto, como de uma d'essas longas e asperas viagens em que se perde inteiramente o alento da luta e a esperança da volta. Ele vinha das fomes terriveis,

antropofagas, as mais horrendas que a humanidade padeceu desde o imperio romano. Vinha das guerras em que era uso queimar as vilas conquistadas e arrancar os olhos aos inimigos prisioneiros. Vinha das pestes devastadoras, periodicas, que de cinco em cinco anos se sucediam às fomes, e juncavam de cadaveres — hosana tremendo e lugubre — os caminhos que conduziam os peregrinos das cidades, das vilas e das aldeias devastadas aos santuarios em que se guardavam as reliquias dos santos celebres. Vinha de um clero composto d'aqueles bispos, de quem o proprio Papa Gregorio VII escrevia que em todo o reino de França se poderia apenas encontrar um que não merecesse ser destituido pelo escandalo da sua nomeação ou pelo escandalo da sua vida. Vinha de uma familia em que a beleza era um pecado e a graça uma blasfemia; a maternidade considerava-se uma fórma de expiação: a mãe de Deus figurava nos altares, não como mãe mas como virgem; o filho era o ser condenado pela culpa original. O povo vinha ainda do terror do milenio, o cataclismo anunciado e previsto, em que a Europa se preparára para acabar com extensas procissões de penitencia gemendo e chorando, as faces cobertas pelo capuz negro dos farricocos, no delirio das visões sepulcraes.

Vinha das ladainhas, dos jejuns, das flagelações da carne nas convivencias misticas de um Deus desfalecido, imberbe, pregado na cruz, escorrendo lagrimas e sangue, um Deus agonisante e moribundo, um Deus de morte, bem diverso, como diz Michelet, do Ormuzd dos persas, do Jehovah dos judeus, do Jupiter dos gregos, deuses de barbas duras e espessas, amantes fogosos da natureza ou promotores energicos das actividades do homem. Vinha tambem da sciencia esmagada nos trabalhos do judeu e do arabe, oficialmente mantida na Universidade de Paris, da qual no seculo XIII sahiram muitos bispos, muitos cardeaes e sete Papas, e onde a corrupção moral tinha o seu foco na aliança da teologia com a prostituição — *in una et eadem domo scholæ erant supérius, prostibula inferius... meretrices publicæ ubique cleros transeuntes quasi per violentiam pertrahebant.* Vinha dos tratos e das deformações da escolastica, esse circo de ginastica palavrosa. Vinha dos bruxedos e das feitiçarias. Vinha finalmente da desistencia dos seus direitos comunaes e da sujeição espontanea a reis que sahiam a roubar às estradas, como Filipe I em França; que faziam dinheiro falso, como Filipe o Belo, Carlos IV e muitos outros; que eram parricidas como, nas familias de Anjou e da Normandia, os filhos de Guilherme o Con-

quistador e de Henrique VI; que violavam creanças, como Henrique II de Inglaterra; que assassinavam prisioneiros e roubavam naufragos como Carlos, conde da Provença, rei de Napoles, da Sicilia e de Jerusalem; que eram finalmente doidos ou ébrios como Wenceslau, filho de Carlos IV, como Ricardo II, como Pedro de Castela.

No principio do seculo XVI os reis, com excepção de Carlos V—sorumbatico, padecendo de gota—eram alegres, moços, prodigos, propensos á boa vida, aos prazeres ruidosos e festivos. Henrique VIII, com tendencia para crear ventre aos vinte e cinco anos, deixando-se levar pelas facecias do cardeal Wolfey, gostava principalmente de grandes caçadas e de boas farças: um dia aparece de surpresa, acompanhado de treze fidalgos vestidos de pastores com estofos de setim carmezim e ouro, para jantar em casa do cardeal, que serve ao rei e aos seus companheiros de folia um banquete de duzentos manjares diversos e preciosos. De uma vez em Keinlworth as festas duram dezenove dias consecutivos. Mais tarde as representações teatrais, os quadros mitologicos, as operas, os torneios, as procissões, as mascaradas em honra de Elisabeth e de Jacques I não teem conta. A Inglaterra grave e sisuda chama-se

n'esse tempo a alegre Inglaterra — *merry England.*

Em França, Francisco I, cuja magnificencia se tornou tão celebre na entrevista com Henrique VIII no *camp du drap d'or* em Calais, sobe e desce as margens do Loire em excursões cinegeticas, batendo as coutadas, galopando por entre as florestas, jantando na relva em quermesses formidaveis, onde a comezana de uma fartura flamenga põe em veia divertida a jovialidade gauleza.

Em Portugal, D. Manuel, tendo contrahido com as riquezas da India os gostos burguezes de mercador ostentoso, veste-se em cada dia com um fato novo, não come senão ao som das trombetas e das charamelas e envia a Roma a embaixada celebre com o elefante de Ceilão coberto de xaireis preciosos carregando o cofre em que vae encerrado o pontifical oferecido ao Papa, com cavalo persa montado pelo caçador de Ormuz, levando na garupa a onça domesticada; mais os leopardos, mais os fidalgos vestidos de veludo e de rendas, cobertos de rubis e de aljofares nos gibões, nos chapeus e nos jaezes dos cavalos, mais os besteiros e os azemeis vestidos de seda, conduzindo á redea trezentas bestas; — finalmente uma vaga de ouro, de plumas, de brilhantes, de perolas,

atravessando a cidade eterna em uma pompa enorme, da qual os costumes contemporaneos permittem apenas dar ideia nos simulacros da scenografia.

Em Roma, o proprio Papa tinha a carne alegre dos sensualistas espirituosos. Leão X, da familia dos Médicis, era um farcista folgasão e libertino. Assassinou de uma vez o cardeal Petrucci, e gostava um pouco de mais das historias obscenas e das comedias licenciosas, mas amava a arte e as letras. É amigo de Castiglione, do Aretino, de Rabelais. Do cofre das indulgencias, que vendia como vendia os chapeus dos cardeaes, pede que lhe dêem 147 ducados de ouro para comprar o manuscrito do livro 33 de Tito Livio; e quando das Termas de Tito foi desenterrado o grupo de Lacoonte, ele manda repicar os sinos de todas as egrejas de Roma.

N'esta hora de revivescencia geral um raio de sol enxuga as lagrimas vertidas pela humanidade em tres seculos de superstição, de terror e de miseria. Um sorriso de bondade paira por um momento no ar.

Com as novas fórmas sociaes transformam-se rapidamente as condições da vida e os aspectos exteriores da existencia.

Com as viagens, com os descobrimentos,

com as conquistas, estabelece-se o comercio e desenvolve-se a industria. As artes ornamentaes, as artes decorativas, as artes de luxo tomam um rapido incremento.

Com as fórmas goticas e acasteladas da casa feudal modificam-se as mobilias e as alfaias domesticas. Aos contrafortes e ás pontes levadiças dos seculos anteriores sucedem-se os porticos e os vestibulos venezianos. Nascem os ornatos minuciosos de uma variedade caprichosa e delicada na arquitectura; e, dentro das casas, vulgarisam-se os grandes leitos de colunas e baldaquino, os bufetes, as credencias, os formosos armarios esculpidos ou marchetados, que veem substituir os catres duros, os bancos de linhas ogivaes e as grandes arcas da Edade Média, recamadas de ferragem, boas para arrecadar os pesados morriões e os arnezes chapeados.

O largo e longo montante dos homens de guerra é destituido pela espada fina e leve dos cortezãos. Os homens despem as pesadas armaduras de barões feudaes, para se vestirem segundo as modas italianas, espanholas, francezas, de veludo e setim, camisas de renda, sapatos bordados a ouro e longa pluma no chapeu mole pespontado de perolas.

Já não é o jogral que vae de castelo em

castelo cantar as lendas dos amores desgraçados e a historia das peregrinações longinquas. Nas côrtes dos novos reis são os cortezãos, os cavaleiros, os fidalgos que, além das prendas de voltear a cavalo, de jogar lanças e canas ou de correr touros, se prezam de possuir o talento de trocar egualmente bem uma estocada com um homem e uma glosa com uma dama.

As ruas aplanam-se e alargam-se para deixarem rodar as primeiras carroagens. As casas agasalham-se revestindo as janelas de caixilhos envidraçados. Nas camas os travesseiros de um toro de madeira são substituidos pelas almofadas, e nos utensilios domesticos principia a empregar-se o estanho e a prata. O desenvolvimento do fabrico das lãs modifica confortavelmente o vestuario e enriquece a alimentação pela abundancia dos rebanhos.

As mulheres que no tempo do amor de Petrarca tinham apenas, como Laura, uma ou duas camisas, e que nas bodas do conde de Flandres com a filha do duque de Barbante traziam ainda á cinta duas adagas e na cabeça enormes mitras terminando em bico ou bipartidas em cornos, cultivam com esmero todos os requintes do vestuario; as rendas preciosas elevam-se com as golas de brocado a toda a

altura das cabeças; os corpetes são constelados de pedras preciosas. Na guarda-roupa da rainha Elisabeth encontram-se tres mil vestidos.

A humanidade parece retomar subitamente posse dos sentidos atrofiados no misticismo enervante e no dogmatismo absoluto da Egreja, e, imergindo na vida com um deleite victorioso, com uma sensualidade triunfal, a humanidade gosa avidamente, abundantemente.

Do estudo da antiguidade grega e romana, pela creação do livro impresso, pela vulgarisação das obras classicas, o homem retempera-se no espirito panteista, e, reabrindo os olhos para a grande natureza de que estivera apartado por seculos, recomeça a compreender a vida, a interrogal-a, não já no dogma imposto pela revelação, mas no fenomeno directamente observado; principia a amar a beleza, a estimar a força, e a sentir em si mesmo, na profundidade do seu ser, a palpitação d'essas novas energias que vão reconstituir o mundo moral e que se chamam o amor, a paixão, o entusiasmo, o desinteresse, o delicado goso da arte e a estimulante curiosidade da sciencia.

A evolução retrospectiva para a antiguidade sábia inunda os espiritos com clarões inesperados. A velha religião politeista dá o

exemplo de uma tolerancia ingenuamente bondosa e magnanima: o Pantheon romano recolhe todos os deuses, incluindo os dos vencidos; Atenas adora todas as divindades, até as desconhecidas, para que lhe não esqueça nenhuma; e, se os imperadores perseguem os cristãos, é porque eles atentam não contra as crenças do povo mas contra a segurança do Estado. A velha poesia rediviva cessa de falar das flagelações e das penitencias dos santos ascetas, emmagrecidos e chagosos, preparando-se para a morte n'uma vida de lagrimas, de açoites, de preces e de imundicie. A arte resuscitada celebra o homem forte, são, vigoroso e bom, a carne firme e a terra dadivosa e amiga, onde as doiradas abelhas de Lucrecio zumbem ao sol sobre as vinhas maduras de Virgilio. Os heroes das antigas legendas são bravos e ingenuos, violentos e doces.

Na *Iliada* é o furioso Aquiles, vestindo as armas e sahindo da tenda em que obstinadamente se encerrára para cumprir o mais humano e o mais terno dos deveres, — para vingar a morte do seu amigo Patrocolo, deitando aos cães o cadaver de Heitor.

Na *Eneida* é o piedoso heroe partindo de Troia com a espada em punho, seguido de sua mulher Creusa, levando aos hombros o seu

velho pae Anquises e pela mão o seu filho Ascanio.

Na obra de Eschylo é Prometeu sacrificando-se pela humanidade, dando-lhe o fogo, ensinando-lhe as artes, e, depois de acorrentado ao rochedo no alto da montanha, lentamente devorado pelos abutres em satisfação do castigo mandado por Jupiter, arrostando face a face, inflexivelmente, com a propria divindade, — firme na consciencia do dever cumprido perante os homens.

Em Sofocles é Theseu estabelecendo o principio da fraternidade e da solidariedade humana ao receber o infeliz Œdipo com esta frase: Nunca recusarei socorrer um estrangeiro desgraçado; sei que sou como tu um homem.

É em Aristofanes o proprio poeta lastimando no teatro deante do povo de Atenas a morte de Fidias accusado de impiedade, e dizendo que com ele morrera a paz, tão bela pela sua aliança com a arte em que era mestre e grande escultor.

E os autores d'essas obras imortaes, brasão eterno do genio do homem, não eram pacientes monges solitarios, foragidos da convivencia das gentes e soterrados vivos no interior das suas celas entre os manuscritos das

revelações divinas e das metafisicas aristotelicas: Eram cidadãos que discutiam nas assembleias e nas praças publicas os interesses da Republica; que se batiam nas batalhas como Eschylo ou nos jogos do circo como Euripedes; que perante os triunfos da patria dançavam em torno dos trofeus da vitoria, em corpo nu e perfumado, como Sofocles depois da batalha de Salamina.

Ao passo que a poesia despertava essas nobres e soberbas aspirações, a escultura pagã, desenterrada dos esconderijos a que a condenára a Egreja, revelava a graça e a expressão da linha nos marmores do Parthenon e do Forum, nas fórmas perfeitas dos deuses, das ninfas, dos gladiadores e dos atletas.

Na sciencia dava-se um egual impulso á renovação mental com a medicina de Hipocrates, com a geografia de Strabão e de Ptolomeu, com a botanica de Dioscorido, com a filosofia de Platão.

Um grande numero de editores em Parma, em Veneza, em Florença, em Leipzig, em Kœnisberg, na Italia, na Alemanha, na Suissa, multiplicam os exemplares de estudo e facilitam a circulação literaria, abandonando o infolio e adoptando o formato em 8.º, introduzido por Alde em 1500.

O latim classico dos oradores, dos poetas, dos historiadores, dos naturalistas, limpa por toda a parte o latim barbaro dos monges.

As linguas sabias, não sómente a latina, mas a grega e ainda a hebraica, são lidas e faladas em todas as escolas e em todas as côrtes em que se preza a cultura da inteligencia, pelos homens e pelas mulheres, para quem a erudição classica se considera um caracteristico de fidalguia.

Em Inglaterra, a duqueza de Norfolk, a condessa de Arnudel, Joanna Grey conversam em latim, analisam Cicero e discutem Platão.

Em França Francisco I, humilhado na sua ignorancia, encarrega um mestre de lhe ensinar rapidamente, dentro de um mez, o latim e o grego; funda o Colegio de França, onde essas duas linguas, assim como o hebraico, se ensinam gratuitamente; e, inspirado da paixão de Petrarca, manda restaurar em Avinhão o tumulo de Laura, e põe ele mesmo em versos, ainda que maus, a historia dos seus amores e do seu cativeiro.

Na Italia todas as côrtes, Ferrara, Milão, Mantua, Bolonha, pleiteiam entre si a gloria de proteger as letras. Os Médicis, mercadores, literatos, artistas, favorecem egualmente a navegação, os trabalhos filosoficos e os monu-

mentos da arte. Em Florença e em Piza, a biblioteca medice-laurentina é fundada por iniciativa de Cosme e de Lourenço o Magnifico. Funda-se egualmente a Academia da Crusca e restaura-se a Universidade de Pavia. A lingua grega é ensinada em Florença e em outras cidades, onde a presença de varios sabios bizantinos facilita á Europa os estudos do helenismo.

Em Espanha é certo que Fernando de Castela sabe apenas assinar o seu nome, mas a rainha Isabel lê correntemente os autores latinos.

Margarida d'Austria e Margarida d'York, as primeiras preceptoras de Carlos V, teem como ele a mais esmerada educação literaria.

Os administradores da Suecia, no ultimo quarteirão do seculo XV, fundam a Universidade de Upsala ao mesmo tempo que o rei da Dinamarca institue a Universidade de Copenhague.

Na Russia, Ywan III convida e retem violentamente, dentro dos seus dominios, os artistas gregos e italianos.

Na Hungria, Mathias Corvino, ao mesmo tempo que bate com a sua guarda negra os janisaros de Mahomet II, funda uma universi-

dade, duas academias, uma grande bibliotheca, um museu e um observatorio.

Na Alemanha, desde 1409 até 1538, fundam-se treze universidades, sendo a primeira a de Leipzig e a ultima a de Strasburgo. Muitas escolas de menor importancia e varias congregações scientificas, como a sociedade Renana e a sociedade de Strasburgo, estabelecem-se para fundar o humanismo. Os professores e os sabios comunicam-se, viajam, empregam todos os meios de ampliar a sua esfera de acção e, tendo á frente d'esse movimento Erasmo, o sarcastico demolidor, desapossam o clero do monopolio das letras.

Fundada em taes alicerces a Renascença toma rapidamente o caracter de um facto litterario, e de um facto artistico assombroso e incomparavel.

Homens verdadeiramente extraordinarios e capitaes, como nunca mais a historia tornou a ver reunidos, haviam nascido sucessivamente como preparação da nova mentalidade. É Colombo em 1436, Leonardo de Vinci em 1452, Erasmo em 1467, Copernico em 1473, Miguel Angelo em 1472, Lutero em 1483, Rabelais em 1495.

O novo mundo descoberto por Colombo, além das contribuições scientificas trazidas á

astronomia, á botanica, á zoologia, a todas as sciencias da natureza transforma as condições economicas e domesticas da sociedade europeia pela importação dos metaes preciosos e dos novos produtos alimenticios, pela introdução do assucar, do tabaco, da batata, do café.

Leonardo de Vinci, matematico, fisico, engenheiro, escultor, pintor, literato, poeta, critico, moralista, musico, é a mais poderosa imagem do enciclopedismo, que foi a alma da Renascença, assim como mais tarde devia ser a base da moderna filosofia. Leonardo de Vinci é o principal iniciador dos progressos do espirito no seu seculo. Ele foi, em maior ou menor escala, o mestre de Miguel Angelo, de Rafael, de Correggio, de Galileu, de Kepler, de Copernico. Pinta a *Ceia* e a *Jocunda;* reune o Canal de Marsetana e o de Tessim; talha a estatua equestre de Sforza; anuncia os mais importantes factos da astronomia, da geologia, da mecanica, e prevê o termometro, o barometro e a maquina a vapor.

A obra de Erasmo morreu cedo porque lhe faltavam os dois principaes elementos que fazem viver os livros na estima dos povos,— primeiro: o culto nacional da lingua; segundo: o cunho que imprime no produto artistico a superioridade pessoal do autor. Erasmo escre-

via n'uma lingua neutra — o latim, e tinha o coração duro, inacessivel aos grandes entusiasmos desinteressados e ás nobres compaixões incondicionaes e absolutas. Pequeno e debil do corpo e da alma, e educado n'um convento, conservou em toda a sua vida a timidez do seminarista e o egoismo do valetudinario. O seu odio á demagogia é um reflexo da sua indiferença pela sorte dos oprimidos. A posteridade puniu-o com o desdem. No seu tempo, porém, a obra de Erasmo, tão volumosa como a de Voltaire, teve uma influencia benefica e decisiva na formação e na educação dos espiritos. Pelo livro intitulado *Os adagios,* em que ele coligiu e comentou os proverbios latinos, gregos e hebraicos, Erasmo funda as bases das literaturas modernas na tradição e no bom senso popular. Pelas suas obras de educação, de critica, de controversia religiosa e de polemica literaria, pela publicação das suas gramaticas, dos seus dicionarios, das suas traduções, dos seus tratados, pelo *Elogio da loucura* e pelos *Coloquios,* que sahiam á luz desregradamente e sucessivamente á maneira de uma revista periodica, Erasmo, trabalhador assombroso, contribuiu mais que ninguem para espalhar ideias, para vulgarisar noções, para suscitar teorias, para alargar finalmente os

dominios da inteligencia e para fundar a independencia intelectual e a liberdade de pensamento.

Lutero é ao mesmo tempo o cataclismo destruidor do velho mundo pensante e a celula primaria do novo organismo social. Queimando publicamente em Wittemberg a bula papal que o condenava, refutando a tradição e o principio da autoridade, os jejuns, o purgatorio, os votos monasticos, o celibato eclesiastico, que era uma amputação, e as indulgencias, que eram uma mancomunação no crime para a venda do perdão, Lutero destroe n'um impeto de rebeldia sacrilega todas as crenças que constituam a alma da Edade Média. Derribando os tribunaes eclesiasticos, prepara a distinção do poder civil e do poder religioso. Desobedecendo e revoltando-se com uma irreverencia heroica, funda a liberdade do pensamento e abre pela livre investigação e pelo livre exame o caminho da sciencia. No seu lar domestico, na convivencia da sua mulher e dos seus filhos, no seu jardim, que ele proprio agriculta, á sua meza ridente e hospitaleira, onde ele ergue cantando a grande taça da amizade trasbordando vinho, esse poderoso temperamento de combate e de vitoria, tão expressivamente acusado nos retratos feitos por Hol-

bein e por Cranacho, — com a boca cheia de força e de riso, com os olhos penetrantes, com um pescoço bovino, com biceps atleticos — dá pela primeira vez ao mundo o exemplo da grande alegria raciocinada e convicta do homem são. Pela sua maneira de tratar os papas e os reis, todos os grandes e todos os poderosos, ele estabelece para os humildes esta força nova — a semceremonia. Pela sua destreza em manejar a verdade, cria uma religião. Pela sua profundidade em interrogar os corações que padecem, ele presta á humanidade um maior serviço que o de dar-lhe uma nova seita: dá-lhe uma nova arte. A musica moderna foi ele que a creou. Até então o homem em comunidade sabia apenas rezar. Quem primeiro nos ensinou o canto foi Lutero. Os seus hinos, inspirados nas mais ingenuas canções do povo, teem a larga vibração elegiaca e profunda de um grito supremo da humanidade. Na alma popular essa musica opéra como o balsamo da consolação infinita. Na Holanda quando, ao levantar-se o cêrco de Leyde pelo duque d'Alba, o povo se reune no templo para entoar o coral de Lutero, a grande multidão, dilacerada pelas resistencias do assedio e pelas devastações da fome, esquece-se da sua propria dôr perante a sublime e domi-

nante magestade do cantico que a exprime, e a comoção é tão profunda que ao cabo dos primeiros compassos as vozes não podem continuar o hino, e, entrecortada de soluços, ha uma pausa solemne, em que, para gloria da arte, as doces lagrimas da poesia borbulhando nos corações cicatrisam a chaga aberta pelas lagrimas corrosivas da desgraça. Um dos primeiros mestres da musica moderna — Meyerbeer — ressuscitou, trasladando-os na sua obra, os hinos de Lutero. Todos os que ouvimos o grande coral dos *Huguenotes* e o coro do terceiro acto do *Profeta* sabemos o que se deve em gratidão a Lutero artista, como consolador benefico das maguas do nosso coração e como suscitador fecundo das energias do nosso cerebro.

A alegria, essa grande força da alma que Michelet considera a quarta virtude divina, que faltou aos santos taciturnos do catolicismo, tornando-os assim defeituosos e bastardos, egualmente incompativeis com a agremiação dos homens e com a parceria dos anjos, a alegria, de que Lutero é a expressão pessoal, toma em Rabelais a fórma epica. Sem a alegria a humanidade não compreende a simpatia nem o amor. Para estimar os santos do cristianismo, o povo empresta-lhes a alegria que

eles não teem, e faz do soturno asceta S. João o bom farcista amigo dos namorados, ajudando-os a quebrar bilhas e a furtar beijos ás lindas raparigas que vão á fonte.

Entre os nossos avós espirituaes Lutero foi o primeiro contente que cantou, Rabelais foi o primeiro contente que riu de todo o riso truncado atravez da Edade Média nos *fabliaux* e nos vilancicos, e, ao ribombo formidavel da gargalhada de Pantagruel, estremece desencasando-se dos gonzos a velha caixilharia de todo o edificio social. Rabelais ri, porque tem a fé na sciencia que aprendeu, como medico, com Hipocrates e Galeno, como humanista, com Socrates e Platão; porque tem a caridade manifesta no seu amor dos pequenos e na sua aversão aos tiranos; porque tem a esperança posta no progresso acelerado pela sua propria obra, da qual ele mesmo diz: — *bon efpoir y gît au fond*. O que distingue Rabelais de Aristofanes é, como nota Litré, que o comico da Grecia, assim como Tacito em Roma, previa a proxima invasão dos barbaros e a ruina de um mundo condenado; por essa razão Aristofanes, não vendo no futuro senão o aniquilamento social, defende obstinadamente o passado contra as inovações temerarias de Socrates. Rabelais, pelo contrario, sente palpitar em si

a alma da Renascença, pressente o mundo novo e, zombando de tudo, só não zomba da filosofia porque antevê nos triunfos da sciencia o futuro resgate do homem. Pelo seu poder demolidor — porque as risadas rabelaiseanas soam em torno de todas as velhas superstições como as trombetas de Josué em volta dos muros de Jericó — Rabelais é o precursor da Revolução Franceza. Pela sua sistematisação filosofica, pelo seu plano de estudos na educação de Pantagruel, na qual os conhecimentos biologicos aparecem pela primeira vez — ha trezentos anos! — como a base da sciencia politica, Rabelais é o precursor do Positivismo na parte mais indiscutida do sistema de Comte: — a determinação do metodo pela classificação genealogica das sciencias. A reforma religiosa de Lutero não produziu senão desunião e discordia na familia humana. A reforma filosofica de Rabelais, se houvesse sido compreendida, teria eliminado o luteranismo e o calvinismo, teria suprimido as guerras religiosas e fundado a concordia humana na tolerancia e na justiça. Como todos os semeadores de grandes ideias, Rabelais não pôde ver frutificar a sua obra, mas a semente da reconstituição filosofica do mundo moderno estava lançada á terra desde que fôra concebida a epopeia pantagruelica.

A tão poderosos elementos de renovação moral e de renovação artistica, a influencia de Miguel Angelo, de Correggio e de Rafael acrescenta tres poderes novos, Rafael ensina a exprimir beleza; Correggio a graça; Miguel Angelo a força.

O movimento artistico toma as mais grandiosas proporções. Levanta-se a basilica de S. Pedro. Pinta-se a capela Sixtina e pintam-se as estancias do Vaticano. Principia-se o Louvre e as Tulherias. Edificam-se, em França, os palacios de Saint-Germain, de Fontainebleau e de Chambord. Constroe-se em Florença o palacio Pitti; e em Genova, em Veneza e em Verona abrem-se os suntusos vestibulos e erguem-se os elegantes porticos do novo estilo. Ghiberti cinzela em Florença as portas de bronze do Baptisterio de S. João, a mais admiravel obra da escultura moderna. Donatello levanta a estatua de S. Marcos. Luca della Robbia inventa as *terre cotte*. Finiguerra acha a gravura em cobre. Ticiano, o principe dos coloristas, eleva a pintura do retrato a um esplendor que nunca mais se excedeu. Alberto Dürer e Raimondi põem em voga a gravura. Benvenuto Cellini funda a ourivesaria artistica. Em Veneza aparecem Tintureto e Paulo Veronezo, em Florença André del Sarto, em Roma Julio Ro-

mano, na Holanda Rubens, na Alemanha Holbein. Na musica nasce Luiz Seusl, amigo e discipulo de Lutero, e Palestrina, o creador do *canto fermo;* na Antuerpia fabrica-se o primeiro cravo de quatro oitavas com duas cordas para cada nota, ao passo que a antiga viola dos menestreis, por meio do apenso de uma nova corda, se converte na rebeca, principal instrumento das orquestras modernas.

Na sciencia Tartaglia e Ferrari descobrem novas fórmulas para resolver as equações do terceiro e do quarto grau. Viéte aplica pela primeira vez a algebra á geometria. Copernico e Kepler estabelecem as verdadeiras leis do sistema do mundo, e juntamente com Sturm e Campanella destroem pelos fundamentos a autoridade de Aristoteles. Vesale e Servet criam a anatomia humana e fazem d'ela a base da medicina e da cirurgia. Machiavel emprehende a historia critica da politica. Montaigne metodisa a duvida convertendo-a n'um dos mais fortes instrumentos da verdade, e dá o primeiro exemplo da indiferença religiosa, penhor da pacificação das consciencias pela filosofia.

O direito romano, resuscitado pelos juristas francezes, inglezes e italianos, regularisa a legislação europeia e opõe a liberdade civil da antiga Roma á tirania religiosa da Roma pontificia.

A filosofia de Platão, substituindo a dos peripateticos pelos estudos de Mirandola, de Paracelso, de Fludd, de Zorzi, produz um maior beneficio que o de aliar a tradição cristã com o espirito da antiguidade. O neoplatonismo fecunda a poesia renovando-a inteiramente pela analyse psicologica, dando ao poeta a faculdade de especular com as proprias comoções e creando a arte lirica por esse poder de subjectividade que produziu a obra de Petrarca, e inspirou a Gœthe o conhecido aforismo: *Se a tua dôr te aflige faze d'ela um poema.*

*

*   *

Os factos que principalmente caracterisam a evolução da Renascença na Europa são o predominio do comercio e da industria sobre todos os factos sociaes e o predominio da arte sobre todos os fenomenos da inteligencia.

O seculo XVI, apesar das frequentes guerras e das sangrentas lutas religiosas, foi em especial um seculo comercial e um seculo artistico. Concorriam harmonicamente para esse fim todas as condições que favorecem e determinam a eflorescencia das obras d'arte.

Primeiro que tudo, a liberdade e a dignidade civil afirmada pela democracia nas republicas italianas.

Assim como a arte grega nasceu na democratica Atenas republicana, assim a arte moderna teve por berço a Republica de Veneza e a Republica Florentina. É da Florença livre que saem Leonardo de Vinci, Miguel Angelo, Rafael e André del Sarto. É em Veneza livre que nasce a escola de Tintureto, de Ticiano e de Paulo Veroneso. É em Piza que a escultura se reconstitue encontrando em Nicolau dell'Urna o continuador da tradição antiga. É finalmente ainda na Republica Florentina que a arte na mais elevada, na mais profunda e na mais humana das suas fórmas — a poesia — desponta para o mundo moderno na obra de Dante e de Petrarca.

O Papa Leão X, florentino ele mesmo, e o rei Francisco I, os quaes tiveram a singular fortuna de unirem os seus nomes á fama dos esplendores artisticos do seu tempo, não fizeram pelas artes mais do que atrahil-las ou adotal-as, por um prazer, por um capricho, por uma tendencia do temperamento, tão pessoal como a que levou Adriano VI a odiar os pintores e Paulo III, o fundador da Companhia de Jesus, a mandar cobrir por Daniel de Volterre

a nudez, impudica aos olhos eclesiasticos, das academias de Miguel Angelo no quadro do *Juizo Final.*

Os monarcas podem, como Carlos V, dar-se a gloria de dobrar o joelho deante de um grande artista, mas é preciso que préviamente o genio popular tenha produzido para esse fim um Ticiano que deixe cahir o seu pincel ao pé de um trono. A arte — como disse Platão, cuja filosofia foi a mestra da Renascença — é como a ave da floresta que odeia a gaiola e só vive na liberdade.

As principaes escolas da arte moderna — a escola florentina e a escola veneziana, assim como mais tarde a escola holandeza — nascem com a independencia republicana e morrem com ela.

A religião não é, por sua parte, mais propicia que a realeza ás fontes da inspiração artistica. A Egreja apoderou-se da arte, como se apoderou de todo o trabalho da inteligencia humana, e deu-lhe o caracter sacerdotal ou o caracter monastico que por alguns anos a imobilisou em vez de a impulsionar. Os monumentos que mais directamente parece corresponderem á inspiração religiosa — as catedraes — são antes uma expressão burgueza do que um facto eclesiastico. Viollet-le-Duc demonstrou irrefutavel-

mente que desde o seculo XIII a catedral foi um edificio mais afecto a um serviço civil do que a um destino religioso. A catedral só toma as proporções de verdadeiro monumento arquitectonico pela instituição das comunas, pela intervenção do burguez na edificação do templo destinado a ser conjuntamente a casa dos oficios divinos e o asilo das liberdades municipaes. O grande caracter artistico da catedral declina com a dissolução da aliança religiosa e civil e morre quando os interesses burguezes, desligando-se dos interesses eclesiaticos, fazem surgir ao lado da casa de Deus a casa do municipio, ao lado da egreja o *Hotel de Ville*. Os dois grandes templos portuguezes, a Batalha e os Jeronimos, não procedem da inspiração eclesiastica. Sob a aparencia religiosa são verdadeiros monumentos nacionaes, destinados a comemorar a aliança da fé com o heroismo em dois grandes feitos civis — a vitoria de Aljubarrota e a viagem da India.

Além da compreensão e da consciencia da dignidade civil, como elementos fecundantes do genio artistico, o seculo XVI tem ainda a renovação mental derivada da decadencia do regimen catolico; tem a actividade cerebral estimulada pela discussão dos mais importantes problemas; tem o nobre orgulho do poder

humano vitoriosamente afirmado nos grandes descobrimentos e nas grandes invenções; tem, finalmente, pelo aumento de riqueza procedente das importações do novo mundo, um refluxo de abundancia que abranda por algum tempo o rigor do trabalho e predispõe o espirito para as desinteressadas especulações intelectuaes. Gerada na liberdade e na independencia do pensamento a arte do seculo XVI desenvolve-se na riqueza creada e difundida pelo comercio e pela industria.

*

* *

Eis ahi no mais rapido esboço o fundo do quadro em que nos aparece, destacando-se na Renascença como a personificação peninsular da sua sintese religiosa, politica, filosofica e artistica, a figura dominante de Luiz de Camões. É preciso conhecer o seculo para compreender o homem cuja obra não é unicamente o poema da nacionalidade portugueza, é tambem a cristalisação artistica do grande espirito universal do seu tempo.

As literaturas são os registros condensados do pensamento publico. Os grandes livros não se produzem senão quando as grandes ideias

agitam o mundo, quando os povos praticam os grandes feitos, quando os poetas recebem da sociedade as grandes comoções. *Os Lusiadas* são o produto de todas as influencias intelectuaes do seculo XVI, actuando sobre a alma portugueza e assumindo a fórma artistica atravez da personalidade mais superior e mais poderosamente humana. Só uma grande combinação extremamente complexa de factos e de ideias convergentes póde produzir em dada fase do espirito humano a elaboração de uma epopeia como *Os Lusiadas*. É preciso para que se dê um fenomeno literario de tão vasta universalidade que uma civilisação inteira contribua por um assentimento geral de tendencias e de disposições harmonicas e comuns. É preciso, para que uma epopeia se faça, que uma grande e geral renovação dos espiritos se efectue, que um novo estado mental da humanidade se declare e que um poder novo, a que vae corresponder um novo ideal, assuma a direcção do mundo emancipado — pelo seu advento a um estadio superior do progresso — da tutela dos velhos dogmas e das velhas autoridades extintas para a obediencia e para a fé, para os interesses e para as aspirações geraes. As epopeias são os fastos das civilisações que as inspiraram.

Emquanto a humanidade não soube formular scientificamente as leis do seu destino, o mundo precisou de ter uma epopeia assim como precisou de ter uma biblia. A biblia era o pacto transcendente das relações do homem com o ceu e com Deus. O poema era o evangelho das relações do homem com o homem e com o mundo. A cada um dos ciclos das antigas civilisações corresponde um Messias novo, um novo poeta.

Quando a Grecia federal e democratica preponderava pela politica, pela religião e pelas artes como norma da associação humana, cabe a Homero a missão epica.

Quando a Grecia homerica decae e a Galia, a Espanha, a Africa e a Asia se submetem á centralisação romana, o epico do mundo latino é Virgilio.

Quando a invasão dos barbaros destroe a unidade do imperio dos Cezares e entrega ao feudalismo a Europa miudamente retalhada, a epopeia dispersa-se como se dispersa a tradição e fragmenta-se nas Canções de Gesta.

Quando com a Renascença as relações humanas adquirem a fórma comercial, e quando para regular essas relações novas um novo poder aparece afirmado entre as nações pelo regimen industrial, o poeta d'essa evolução é

Camões. O livro com que se encerra na literatura universal o periodo epico da poesia é o dos *Lusiadas*.

A epopeia do mundo moderno sahia naturalmente, como as epopeias antigas, do paiz que determinára pela sua acção a vitoria do poder dominante da sociedade humana. O regimen industrial, base de toda a organisação na politica moderna, funda-o Portugal com as navegações dos seculos XV e XVI. Camões, imortalisando sob a fórma epica esse facto culminante na civilisação contemporanea, deu á humanidade um livro que é para a Renascença o que foi o *Velho Testamento* para o mundo hebreu, a *Iliada* para o mundo helenico, a *Eneida* para o mundo romano, a poesia trovadoresca para o mundo feudal e a *Divina Comedia* para a unificação do espirito catolico.

Emquanto o mundo moral se transformava na Europa, os portuguezes navegavam; conquistavam Tanger, Ceuta, Arzila, Azamôr, Goa, Ormuz, Malaca; iam em demanda do Preste Joham; passavam o Bojador, dobravam o Cabo das Tormentas, chegavam á India; descobriam as ilhas de Porto Santo, Madeira, Santa Maria, Fernando Pó e S. Tomé, o Congo, o Brasil, o Canadá, a Terra do Lavrador. N'essa era de profundas transformações sociaes os habitantes

d'este pequeno talhão da peninsula iberica afirmam pela sua aptidão e pela sua actividade propria o seu direito a uma existencia independente e autonoma entre as nações que dirigiram em dado momento os destinos da humanidade.

Quando a invasão turca comandada por Mahomet II penetrava na Hungria e ameaçava a Europa inteira, das costas de Portugal, do alto do promontorio de Sagres, um homem «de carnadura grossa e de largos membros», um solitario, um sabio, embebido no estudo dos astros e das correntes maritimas, cercado de livros, de cartas geograficas, de quadrantes e de astrolabios, — *o generoso Henrique* — levanta-se, desembainha a sua larga espada e manda intimar Mahomet para que se lhe renda. Mahomet respondeu ao cartel portuguez com um desdem temerario. De repente, porém, ele, que se propunha invadir a Europa, sente a propria Asia invadida pelo extremo oposto dos seus dominios desguarnecidos. Vasco da Gama chegava por mar ao Oriente, os nossos expedicionarios calcavam triunfantemente a terra mahometana. A espada desembainhada do Cabo de S. Vicente lampejava, imprevista e temerosa, brandida por Afonso de Albuquerque, nas costas do Mar Roxo e nas margens do Nilo. Os

romeiros de Meca fugiam atonitos e espavoridos. Mahomet então recuou, e, fazendo refluir á pressa o seu exercito para o interior do seu territorio, abandonou a conquista da Europa.

Ao braço portuguez coube n'esse momento a defesa e a guarda da paz e da civilisação europeia. O nosso nome penetrava na Historia indelevelmente consagrado pela gratidão humana.

Foi então que perante o mundo deixamos para todo o sempre de ser espanhoes. Sabia-se de um polo ao outro, em toda a redondeza da terra, que eramos os compatriotas de Bartolomeu Dias, de Pedro Alvares Cabral, de Diogo Cão, de Pedro da Covilhã, de Gaspar Corte Real, de Fernão de Magalhães, de Vasco da Gama e de Afonso de Albuquerque.

Para constituirmos duradouramente uma grande nação, isto é, para preponderarmos por algum tempo na direcção intelectual do mundo, faltou-nos então, pela indisciplina do espirito, aquilo a que poderemos chamar a responsabilidade da gloria. O poder de que nos investia o triunfo não o soubemos legitimar com nenhum acto verdadeiramente grande, tendente a tornar o mundo mais belo, a vida mais digna, o homem mais forte, mais sabio ou mais justo. Creados nas guerras das sorti-

das e da defeza dos burgos contra os mouros e contra os arabes, educados por soldados grosseiros e por monges taciturnos, não conheciamos as doçuras da arte nem as alegrias do amor. Não tinhamos bebido nos seios da natureza o leite de bondade com que a natureza alimenta aqueles que a amam. Eramos inclementes, sanguinarios, cubiçosos e beatos. O nosso dominio nos mares e nas terras conquistadas afirmava-se pela pirataria e pelo saque. A civilisação cristã de que nos diziamos portadores, impunhamol-a aos indios e aos cafres por meio dos dois monumentos de intolerancia e de terror com que assinalavamos a nossa passagem atravez das regiões subjugadas. Esses dois monumentos eram a egreja e a forca. A uma politica materialisadora, de violencia, de apropriação e de traficancia correspondia um espirito publico de avidez, de rapina e de aventura. O povo, assim como o rei, não conhecia senão um interesse, — o do lucro pelas viagens ás terras d'onde se traziam as especiarias e os diamantes. Partiam do Tejo expedições sobre expedições, armadas sobre armadas. Entregar o trabalho aos escravos, embarcar, mercadejar, traficar, alcançar uma feitoria, uma capitania ou uma tença, enriquecer no ocio, era a preocupação de cada um.

O valor com que domáramos o oceano, o heroismo com que entráramos na vida historica contribuindo para a civilisação com o descobrimento de um novo mundo, degenerára rapidamente n'um egoismo sordido. A indole aguerrida e aventurosa da raça fizera de nós um povo de descobridores. A politica monarquica e a educação fradesca convertera-nos em um povo de chatins, o qual, como diz Falcão de Rezende, se contentava com saber comprar barato e vender caro, trampeando, enganando, jurando e mentindo.

A vida da côrte instituida por D. Manuel atrahia a nobreza que abandonava a lavoura das suas terras para ir corromper-se e empenhar-se nos saraus dos Paços da Ribeira e nos Paços de Cintra, onde os brazões dos fidalgos foram então coligidos e debuxados, como decorações régias, no tecto da sala das Pêgas. A expulsão e a carnificina monstruosa dos judeus e dos mouros estrangulou o trabalho nacional, e o ouro das conquistas passou a ir enriquecer as industrias nascentes da Inglaterra e da Flandres. O cesarismo absorvera todas as forças da nação. As côrtes reuniam-se apenas para consagrar o poder discricionario do monarca. Os campos despovoavam-se. Mas a população da capital crescia de dia para dia, e

Lisboa era a primeira das cidades da Europa, visitada pelos mercadores e pelos viajantes de todos os paizes. Á beira do Tejo, ao lado dos suntuosos Paços da Ribeira, da Ribeira das Naus, da Casa dos Contos e da Contratação da Guiné, nos grandes armazens da Casa da India depositavam-se as mercadorias descarregadas pelas naus do Estado: o arroz, o ebano, o assucar, a pimenta, o cravo, a canela, a canfora, o gengibre, o sandalo e o borax. Nos bazares da rua Nova dos Ferros expunham-se as sedas, as porcelanas da China e do Japão, as tapeçarias da Persia, o ouro, a prata, o marfim, o ambar, o almiscar, as perolas, os rubis, os diamantes, todos os produtos do Oriente, e, com eles, as mercadorias europeias que vinham de Constantinopla, de Flandres, de Florença, de Genova, de Veneza, de Burgos, de Sevilha: as tapeçarias, os veludos, os damascos, os camelotes, as sarjas, os estofos de Ostade, os espelhos. Nas aguas da bahia, coalhadas de navios, as flamulas e os galhardetes de todas as marinhas do mundo palpitavam nos topos dos mastros. As procissões, as cavalgadas e os cortejos reaes percorriam as ruas com uma pompa deslumbrante e nunca vista. Ouviam-se as vozes de todas as linguas cultas e de muitos dialectos barbaros. E, por

entre a multidão dos curiosos, dos vadios, dos mercadores, dos homens de negocio e dos tafuis, perpassavam os fidalgos montando bestas ajaezadas de veludo e ouro, cercados de escravos aos estribos e ás cambas do freio.

A vida no paço era ostentosissima no tempo de D. Manuel. Os vestidos de setim e veludo, bordados de ouro e de pedrarias, importavam-se de Italia e de França. As refeições do rei eram acompanhadas de musica. As mais belas tapeçarias flamengas forravam de cima a baixo as salas dos palacios. A prata e o ouro das baixelas tinham a importancia de primorosas obras d'arte cinzeladas por artistas da grande escola florentina. Os jantares e as ceias, produto de uma arte culinaria renovada pelas importações alimentares da India e pelas essencias orientaes, serviam-se em scintilantes cristaes de Veneza e em leves porcelanas da China. Nos saraus reaes, que se repetiam com frequencia em Lisboa, em Cintra, em Evora e em Almeirim, jogava-se fortemente aos dados, bailavam-se danças mouriscas, glosavam-se motes e representavam-se os *autos*, as *comedias*, as *farças*, as *moralidades* e os *monologos* de Gil Vicente, o poeta da rainha viuva D. Leonor, o seu *mestre Gil*, como ela lhe chamava. O rei dava trez vezes por dia assinatura

em publico, luxuosamente vestido, sentado n'um espaldar de veludo e ouro, tendo de joelhos deante de si o escrivão da puridade, de joelhos a seu lado os védores da fazenda e os escrivães da fazenda e da camara.

Na côrte de D. João III os bobos e os truões retomam uma porção do logar que tinham os poetas na côrte de D. Manuel, e as momices, os arremedilhos e os escarneos substituem em parte os motes, as endeixas e os autos.

D. João não tem, como seu pae, o amor das cousas brilhantes e pomposas. Não se veste senão á velha moda triste do paiz e horrorisam-o as modas francezas. É um estupido, que nunca pôde aprender nem os rudimentos da gramatica; é um beato e, na sua qualidade de beato, um porco, segundo a doutrina dos santos padres, os quaes afirmam ser preciso que o homem cheire mal na carne para que se lhe desenvolva dentro a fragrancia do espirito. Cheirar bem o corpo ou o vestido é argumento d'alma suja — disse-o S. João Crisostomo, o Boca d'Ouro.

A rainha D. Catarina professava os principios de seu esposo. Foi ela que mandou proceder á mais rigorosa devassa contra as bruxas e feiticeiras de Lisboa, sendo então presas

muitas, das quaes umas foram queimadas, outras publicamente punidas com açoites, e as mais felizes desterradas apenas. O rei pela sua parte mandara rever por conspicuos sacerdotes toda a ordenação para o fim de expungir as disposições que directa ou indirectamente podessem ferir as imunidades da Egreja. São estes bons conjuges que introduzem em Portugal a Santa Inquisição. Raramente dão saraus. A familia real, que se confessa e comunga todas as semanas, passa as noites na capela e entre os morrões lugubres dos lampadarios, ouvindo as praticas de Frei Francisco de Borja, o mesmo clerigo incumbido pela rainha de fundar na cidade do Porto o primeiro colegio da Companhia de Jesus. Apesar de um pequeno resto de galanteria, que levava o piedoso soberano a oferecer de quando em quando a sua esposa um filho bastardo, a vida no paço seria mediocremente divertida, se, ao lado da côrte de D. João III, não existisse a pequena côrte suplementar de sua irmã.

A infanta D. Maria era uma mulher espirituosa, de grande cultura intelectual, extremamente afeiçoada aos artistas e aos homens de letras. Falava correctamente o latim, sabia muito bem o grego e era, ela mesma, escritora.

Tinha agregado á sua casa com o titulo de *latinas* um longo cortejo de mulheres insignes pela educação literaria: Publia Hortencia de Castro, que, vestida de homem, frequentára as escolas e defendera teses em Coimbra; Leonor de Noronha, filha de D. Fernando de Noronha, segundo marquez de Vila Real, a qual publicou varios livros originaes e versões do latim; Joana Vaz, filha do licenceado João Vaz, muito versada nas linguas latina, grega e hebraica; as duas irmãs Luiza Sigêa e Angela Sigêa, ambas eruditissimas, sabendo Luiza as linguas grega, latina, hebraica, arabica e siriaca, e versificando em latim, em grego e em hebraico; finalmente Paula Vicente, a meiga e doce filha de Gil Vicente, colaboradora de seu ilustre pae, e autora de um volume de comedias e de uma gramatica da lingua ingleza. Foi á princeza D. Maria que o autor do *Palmeirim de Inglaterra* ofereceu a sua novela. Era na pequena côrte d'essa dama, na sua sala particular de recepção ou na sua casa de lavor, que se encontravam como em concilio academico os homens de espirito que tinham entrada na côrte, e nenhum salão do mundo, nem então nem depois d'esse tempo, seria tão interessante como o da infanta portugueza. Havia um grande movimento de ideias e de

interesses literarios e scientificos, que se deviam debater nos serões da princeza. Uma enorme quantidade de poetas, alguns deles com reconhecido talento, como Sá de Miranda e Antonio Ferreira, seguindo a escola de Petrarca, introduziam os metros italianos na versificação portuguesa. O infante D. Luiz, o conde de Vimioso e o conde da Sortelha cultivavam as letras e a poesia. Fernão de Oliveira fundava a disciplina da lingua, compondo e publicando a primeira gramatica portuguesa. Damião de Goes, chegado da Alemanha, onde conhecera Lutero e vivera na amizade intima de Erasmo, trazia comsigo o gosto da mais alta cultura do espirito, o apreço da musica em que era insigne e o da pintura e da escultura, representadas em valiosos exemplares na sua galeria d'arte; e era elle que fundava, com João de Barros e com Fernão Lopes, os metodos historicos compativeis com o estado das sciencias e com as restrições policiaes da imprensa no seu tempo. O naturalista Garcia da Horta publicava as primeiras obras de botanica iniciando os estudos da flora transatlantica. O lente de medicina Antonio Luiz, tão insigne como o matematico Pedro Nunes, publicava o livro *De occultis proprietatibus* em que se enunciam as mais altas leis da mecanica. De França,

onde tinham tomado grau na universidade de Paris e onde eram professores no celebre colegio de Sainte-Barbe, chegavam os grandes humanistas Gouveias e Teives; Antonio Leitão, lente de fisica e de filosofia; Antonio Pinheiro, lente de humanidades, autor da primeira interpretação completa do terceiro livro de Quintiliano. Só a grande familia dos Gouveias dera doze professores ao colegio de Sainte-Barbe, que um d'eles dirigiu.

Antonio de Gouveia mereceu a honra de vir citado por De Thou no tomo VI da sua *Historia Universal,* como o unico douto a quem fôra dada a gloria de ser conjuntamemte um grande filosofo, um grande jurisconsulto e um grande poeta.

Além dos descobridores e dos que iam á India no desempenho de funções publicas, muitos viajantes chegavam de todos os pontos do globo, trazendo as mais interessantes noticias das regiões que tinham visitado. Fernão Mendes Pinto percorria a China, e tornava-a conhecida da Europa estudiosa. D. Rodrigo de Lima estivera na Etiopia. Antonio Tenreiro fôra á Persia, á Síria, á Armenia e ao Egito. Os soldados da Africa e da India e os marinheiros dos galeões e das naus do Estado narravam as suas aventuras e as suas impres-

sões pessoaes: a infinita saudade das noites calmas e profundas no silencio dos tombadilhos; a cantiga melancolica da aldeia natal soluçada a milhares de leguas da patria no ocio das calmarias; os estranhos aspectos das vegetações dos tropicos, dos monumentos colossaes da India, e do calido ceu da America trepidante de pulverisações luminosas, impregnado dos aromas penetrantes da floresta virgem, cortado alto n'uma linha escura pelo vôo silencioso de aves desconhecidas e fantasticas; finalmente a comoção do combate no choque das abordagens e a desolação dos naufragos na inclemencia das ondas ou na aridez das praias desertas, sobre a areia fulva e ardente, caminhando sem destino e sem norte no horror da fome e da sêde, peregrinação tremenda e sobrehumana envolta, como no vacuo, pela magestade monstruosa do infinito desamparo.

É no meio d'este mundo corrompido já nas fontes da vida nacional, n'esta sociedade já decadente mas ainda brilhante, n'esta côrte binaria, de dupla etiqueta e de dupla intriga, composta de cavaleiros, de poetas e de padres, sentimental e artistica, sensual e beata, que Luiz de Camões aparece em Lisboa definitivamente consagrado poeta depois da representação da sua comedia de *El-Rei Seleuco* em 1545.

Tem vinte e um anos de edade porque nasceu no mesmo ano em que morrera Vasco da Gama, em 1524. A sua figura esbelta e nervosa, cheia de elegancia e de força, denuncia um d'esses belos tipos de raça que n'ele, assim como em Shakespeare, representam o exemplar perfeito do homem. Descendente por seu pae de uma nobre familia galega, de sangue algarvio por sua mãe, ele tem, hereditariamente, do tipo paterno o vigor dos musculos e a grossura dos ossos, do tipo materno a graça das linhas e o garbo das fórmas. É um arabe solidamente reforçado e de cabelos louros. O seu rosto cheio tem uma acentuação energica, poderosamente viril. A boca um tanto grossa, ligeiramente sarcastica, contorna-se-lhe vigorosamente com uma expressão de firmeza e de comando debaixo de um bigode arqueado e fulvo. Os seus olhos garços, humidos, de uma profundidade meiga, revêem a penetração educada no habito do estudo e na pratica da esgrima. Fica-lhe bem o veludo negro do gibão e do calção de côrte; e a longa espada fina, de bainha preta e copos de aço polido, pendente no boldrié chapeado de prata, condiz harmonicamente com a linha altiva do seu porte dominativo, grave e marcial, de artista, de bacharel e de gentil-homem.

Chegára de Coimbra em 1543. Frequentára a Universidade e as Escolas Menores do Convento de Santa Cruz, em que era geral seu tio D. Bento de Camões, cancelario da Universidade. Estudante, tornára-se tão celebre em Coimbra pelos seus talentos literarios como pela sua destreza nos exercicios musculares. Ele proprio o disse em uma das suas eglogas:

> Nenhum pastor cantando me vencia,
> A barba então nas faces me apontava;
> Na luta, na carreira, em qualquer manha
> Sempre a palma entre todos alcançava.

Era um habil comediante na representação dos autos com que se celebravam festas escolares. Era um brigão terrivel e um valentão famoso nas brigas nocturnas em que intervinha triunfantemente o seu punho para varrer uma rixa ou uma espera, em volta de um magusto anarquico ou no fundo de um beco tenebroso e de má fama. A par d'isso traduzia e comentava os *Triunfos de Petrarca,* escrevia o auto dos *Anfitriões,* compunha inumeraveis elegias, eglogas e cançonetas. Lia Ptolomeu, Strabão e todos os antigos geografos. Conhecia Euclides, Plinio e Hipocrates; toda a literatura grega e latina: Homero e Virgilio, Esquilo e Terencio, Sofocles e Plauto, Xenofonte e Tacito, Aris-

tofanes e Juvenal, Aristoteles e Platão, Demostenes e Cicero, Ovidio e Pindaro, Teocrito e Horacio; e todos os modernos: Dante, Petrarca, Bocacio, Maquiavel, Froissart, Erasmo de Roterdam, Garcilaso de la Vega, Sannazaro, João Boscan, o cardeal Bembo; toda a literatura nacional: os livros de linhagens, os Nobiliarios, os Cancioneiros, as ferranilhas, as trovas e os cantares, de origem franceza, galega e italiana, nos seculos XIII e XIV; todas as cronicas, tão simples, tão ingenuas, tão eloquentes do nosso seculo XV e toda a sciencia cosmografica cultivada no observatorio de Sagres pelos colaboradores do infante D. Henrique, os sabios mouros e os judeus de Marrocos e de Fez. A estes conhecimentos e ao das linguas sabias em que era insigne, reunia o conhecimento de muitos idiomas modernos: o castelhano, o provençal, o italiano, o francez, o inglez.

As escolas de Santa Cruz eram, ao tempo em que Camões as frequentou, o principal centro da nossa actividade intelectual. Ensinavam-se as linguas, as leis, a matematica, a medicina, as artes, a retorica, a gramatica, a teologia, a moral, a sagrada escriptura e os canones. As aulas eram cursadas pela flor da nobreza: o filho do infante D. Luiz, mais tarde

conhecido pelo titulo de Prior do Grato; os irmãos do duque de Bragança, D. Teodosio, D. Antonio e D. Fulgencio; D. João de Bragança, filho do marquez de Ferreira; D. João da Silva e D. Antonio da Silva, filhos do conde de Portalegre; D. Gonçalo e D. Alvaro da Silveira, filhos do conde da Sortelha.

Pela reforma dos estudos em 1537, professores de primeira ordem trazidos das universidades de Paris, de Salamanca e de varias cidades da Italia, liam nas cadeiras de Santa Cruz, e, pela sua convivencia familiar, ainda mais do que pelas lições que professavam, punham os alunos em comunhão com o espirito scientifico e com o espirito literario da Renascença europeia.

Além da disciplina classica dos estudos e dos exercicios intelectuaes em que, por um exclusivismo pedagogico caracteristico da direcção jesuitica, se buscava principalmente desenvolver a memoria, outros agentes poderosos influiam na educação do poeta e determinavam a sua orientação de espirito.

O sentimento profundo da nacionalidade, que tinha de ser a alma da sua epopeia, penetrava-o lentamente pelos aspectos da paizagem e pela convivencia domestica. O trato intimo com seu tio e seu mentor D. Bento de Camões

excitava, como vamos ver, a sua veia imaginosa e dramatica e a sua curiosidade das lendas e das tradições populares.

D. Bento era um mistico e um visionario. Sob o seu habito de conego regrante corria-lhe nas veias o sangue irrequieto dos velhos cavaleiros do castelo de Camaños, solar dos seus avós, ao qual dera o nome a lenda tão poetica da ave a que se referem as redondilhas:

> Experimentou-se algum'hora,
> Da ave que chamão Camão,
> Que se da casa onde mora
> Vê adultera a senhora
> Morre de pura paixão.

A estirpe de Camões prendia-se por uma genealogia legendaria, como quasi todas as prosapias espanholas, á geração dos Cantabrios, companheiros d'armas de Pelayo, filho de Favila, rei das Asturias, na gruta de Covadonga.

D. Rui Garcia de Camaño, no seculo XII, era senhor da villa de Rianjo, do estado de Rubianez, Couto de Orocoulo na Galiza, e de dezesete freguezias chamadas Camoeiras em terras de Salnez e de Bercala, com todas as suas jurisdições e senhorios. Fôra casado com D. Ildura, neta do infante D. Fernando de Na-

varra. Estivera no cêrco de Almeria e morrera trespassado de lanças sarracenas.

D. Garcia Fernandes de Camaño, mandado prender na Corunha pelo rei D. Pedro, recolhera-se no seu castelo com os seus homens d'armas, suspendera a ponte levadiça, armara-se de ponto em branco, respondera com espessas desfrechadas de pelouros ás intimações do rei, e batera-se até á ultima por sua honra.

D. Vasco de Camaño, quarto neto de D. Rui Garcia, expatriado no seculo XIV em consequencia, disse-se, de uma aventura que terminára tragicamente em morte de homem n'um duelo, funda a familia portuguesa dos Camões, vindo para este reino na companhia do conde Andeiro e d'outros fidalgos galegos. O rei D. Fernando fez mercê a D. Vasco das vilas de Sardoal, Pugnete, Marvão e Vila Nova d'Anços e das terras e herdades que haviam sido da infanta D. Beatriz em Extremoz, em Aviz e em Evora, doando-lhe conjuntamente a quinta do Judeu em Santarem, as alcaidarias de Portalegre e Alemquer e os senhorios do concelho de Gestaço e do Castelo de Alcanede. Estes bens reverteram á corôa, por sequestro, depois da batalha da Aljubarrota.

O monge D. Bento, na estreiteza sufocante

da clausura, sob o frio silencio das abobadas monasticas, deveria sentir por muita vez a revolta do brio e do valor hereditario na sua familia perante a obediencia servil e a passividade vergonhosa dos seus votos; e uma tendencia ingenita, organica, secreta no seu ser, para as cavalarias e para as aventuras, leval-o hia então a cultivar com uma avidez nostalgica, com uma curiosidade entristecida e morbida a leitura d'essas legendas guerreiras e galantes da Edade Média, em que os cavaleiros velavam as armas nos templos junto do altar das virgens, e em que tão frequentemente trovadores e paladinos batiam á porta dos mosteiros para desafivelarem pela derradeira vez o telim da espada e a couraça, e pedirem um habito de noviço para acabarem o resto da vida na mortificação e no silencio, sob um capelo de eremita, de joelhos na pedra da propria campa.

Era em satisfação d'essas intimas predilecções de espirito que D. Bento de Camões rezava habitualmente defronte do tumulo de Afonso Henriques, como nos degraus de um altar. Foi ahi que, segundo o *Agiologio Lusitano*, ele viu um dia surgir do sepulcro, aparecer-lhe e falar-lhe a sombra marcial, mas benigna e maviosa, do velho batalhador.

Na intimidade familiar de sobrinho para tio,

de filho literario para pae espiritual, na comunhão de pensamento com um sabio e um erudito que tinha visões como a que refere o *Agiologio,* era impossivel não conhecer todos os poemas medievaes, as tradições poeticas da Bretanha, as baladas da Normandia e da Escocia, o ciclo da Tavola Redonda, os romances do Cid, de Roderico o ultimo dos reis wisigodos, de Bernardo del Carpio, de Reinaldo Montauban, as legendas de Lançarote, do rei Artur, do bruxo Merlin, as tradições de Francesca de Rimini, de Heloisa, de Beatriz, de Joana d'Arc, d'Agnés Sorel; e, mais especialmente do que as tradições estrangeiras, as tradições nacionaes: o Magriço e os doze de Inglaterra, o milagre d'Ourique e as lendas de Egas Moniz, de Gonçalo Mendes da Maia, de Martim Moniz, de Martim de Freitas, de Geraldo Sem Pavor, de Inez de Castro, da rainha Isabel, de Maria Teles, da padeira de Aljubarrota.

Coimbra com os seus monumentos e a sua paisagem era o logar mais proprio para a evocação d'essas sombras amigas e para a fixação do amor de um poeta navegador, viajante e guerreiro, ao placido e querido torrão da patria.

Abrigada pelo Bussaco e pela serra da Estrela, Coimbra tem um clima suave, de uma

temperatura egual, humido, fertilisador. A cidade, a que a residencia da côrte nos primeiros tempos da monarquia dava já no seculo XVI um caracter monumentoso e tradicional, assentá sobre a mais risonha colina. Na encosta dos montes que a protegem do norte cresce uma vegetação poderosa em que o castanheiro, o carvalho, o cedro e o pinheiro bravo espalham no ar os balsamicos perfumes florestaes e põem nos relevos do solo todos os matizes de uma verdura densa e aveludada. Nos vastos campos da bacia do Mondego as cearas ondulam ao respiro tepido da viração entre pomares e bosques de choupos, onde cantam os melros, as cotovias e os rouxinoes e onde os festões de madresilvas pendem dos valados e das ravinas n'um abandono languido sobre as aguas murmurosas do rio. O solo fertil, a vida abundante, o trabalho facil dão a esta região um aspecto de doce serenidade, de alegria tranquila, que se espelha na fisionomia dos habitantes e lhes poetisa os costumes, muito diversos d'aqueles a que um solo aspero, um clima hostil e uma dura concorrencia vital obriga o hortelão minhoto, o cavador de Traz-os-Montes e o pastor do Alemtejo. A pacificação da natureza e a graça amena da paisagem nos campos do Mondego deixam a todos os que ali vive-

ram uma impressão indelevel, de um gosto penetrante, que revive e acorda saudosamente na memoria todas as vezes que na tormenta da vida o nosso pensamento se volta para o tempo que passou, assim como para o caminho de que nos afastamos se volta a luz de um facho levado contra o vento.

Desde que entrára na côrte em 1543, até o dia em que fizera representar a comedia de *El-Rei Seleuco,* em 1545, n'um sarau em casa de Estacio da Fonseca, reposteiro de D. João, a vida de Camões fôra a de um afortunado cortezão espirituoso e galan. A sua musa, graciosa e ligeira, prestava-se a todos os caprichos poeticos da fantasia palaciana. Pela sua mocidade exuberante de saude e de alegria, pelas suas nobres tradições de familia, pelo seu trato cheio de jovialidade e de distinção cavalheiresca, pelos picantes atractivos da sua figura a que os olhos claros e incisivos e o cabelo encaracolado de um louro ardente dão uma brava expressão leonina, e pelo seu talento de uma veia tão fresca e tão original, ele tornára-se rapidamente o objecto de todas as atenções e de todas as preferencias. Tornara-se dominativo. Esta superioridade escandalisava a turba mesquinha dos subalternos. O numero dos despeitados e dos invejosos

aumentava de dia para dia, porque o joven *bacharel latino,* como lhe chamava André Falcão de Rezende, parecia dispôr-se a monopolisar todos os triunfos. A infanta D. Maria tratava-o com distinções especiaes. Ele tinha por companheiros e por amigos os fidalgos mais ilustres: o duque de Bragança e o duque de Aveiro, o marquez de Vila Real e o marquez de Cascaes, o conde de Redondo e o conde de Sortelha. Todas as mulheres o achavam belo, muitas o amaram e não poucas lhe deram do seu afecto as provas supremas que ele tinha o mau costume de pedir em doces bilhetes, os quaes, posto que preciosos para a arte, não hesitariamos em qualificar de funestos para a moralidade dos costumes, se os costumes da côrte histerica de D. João III não tivessem profundamente inoculada a corrupção por meio de filtros mais corrosivos, mais deleterios e, sobre tudo, infinitamente mais grosseiros, que alguns finos versos travessos, maliciosos e subtis. O proprio rei, tão bronco, tão refractario a todas as comoções esteticas, tão espessamente beato, pedia tambem versos áquele poeta de uma mundanidade tão diabolica!

Nas côrtes, porém, os triunfos do talento são efemeros e são perigosos. A etiqueta impõe aos aulicos o dever de não ultrapassarem as

raias de uma mediocridade discreta. O perfeito cortezão para ser correcto precisa de ser obtuso. Pensar por si mesmo, ter ideias proprias e saber exprimil-as com nitidez, possuir uma opinião e dal-a, respeitar um principio e defendel-o, ouvir um erro e contestal-o, afirmar finalmente uma livre personalidade, ser um homem, é irreverencia; ter talento é escandalo. Concebe-se que essa monstruosidade — o genio — vá á côrte mostrar-se, como se mostra um anão, um gigante ou uma vitela com seis pernas; mas que o genio permaneça em palacio não, porque o genio, exprimindo um estado exorbitante de espirito, é de sua natureza incivil, e o principe quer em torno de si seres comedidos, circumspectos, mansos, de uma banalidade sem protuberancias nem asperezas, lisa, recta e chata. Assim o pede a pragmatica estabelecida na maneira de falar com reverencia, de sorrir com discreção, de obedecer com graça.

O auto de *El-Rei Seleuco* que tem por assunto os amores de Stratonica e de Antiocho, podia considerar-se uma alusão repreensiva aos amores de D. Manoel com a noiva de seu filho. Esta circumstancia não deixaria de ser aproveitada pela intriga para malquistar o poeta na opinião de D. João III. Com a representação do auto coincidiu no paço um escandalo em

que o nome do escudeiro Camões era citado na cronica da galanteria de envolta com o de uma dama da rainha.

A etiqueta da côrte era rigorosa na prescrição dos tramites que um cavaleiro tinha de seguir nas suas relações com uma dama. Para aceitar um mote ou devolver uma glosa era indispensavel a venia da camareira-mór e era ao mordomo do palacio que a meticulosidade real da pragmatica incumbira n'esta troca de doce correspondencia a função que a mitologia adjudicou a Mercurio. João Lopes Leitão, por ter entrado de uma vez sem licença do porteiro na sala onde se encontravam as damas, foi preso. Camões deveria ter uma culpa mais grave, porque a pena correspondente foi de desterro de dois anos para fóra de Lisboa. Qual fosse porém o delito nunca ao certo se disse, e compreende-se bem essa reserva, dado o caracter de Camões, cuja bravura pundonorosa continha em respeito nos mexericos da côrte aqueles que pela ginastica da maledicencia haviam desenvolvido a lingua até o ponto de a terem mais comprida do que a espada. A senhora lesada no melindre do recato pela divulgação do seu amor ao poeta desterrado por causa d'ela, era D. Catarina de Ataíde, filha de D. Maria Boca Negra e de D. Antonio de

Lima, camareiro-mór do infante D. Duarte, sobrinho do rei. O dano irreparavel da reputação d'esta senhora tornou-a para Luiz de Camões o objecto do culto mais dedicado e mais respeitoso. Em toda a sua vida ele procurou sempre pelo tributo de um reconhecimento indelevel, de uma ternura profundamente magoada, de uma estima saudosa e transcendente, resgatar o mal involuntario que uma leviandade produzira. D'ahi, a legenda do amor de Natercia, convertido pela sentimentalidade dos biografos na paixão exclusiva e constante do poeta. Essa paixão é inverosimil. Com o culto da arte é inconciliavel a constancia de qualquer outro amor de caracter apaixonado, dominante e absoluto. Considerar Camões um namorado é amesquinhar, de um modo que a fisiologia refuta, a personalidade do escritor. O namorado é um ente enfermo. A paixão amorosa é uma nevrose que compromete profundamente o equilibrio do cerebro produzindo um d'estes efeitos patologicos: o extase da contemplação ou da posse, a furia sensual ou a melancolia erotica. Em qualquer d'esses casos, se não se transforma ou se não se extingue, a paixão remata em breve tempo pela morte, pelo delirio, pela monomania ou pela estupidez. Broussais diz que há em toda a paixão uma necessidade ins-

tintiva que obriga a inteligencia a um trabalho perpetuo destinado a achar o meio de satisfazer essa necessidade. Assim, duas paixões são impossiveis no mesmo cerebro. Uma d'elas tem de subordinar-se á outra e de desaparecer n'ela. Camões, que tinha a paixão da arte, não podia ter simultaneamente a paixão de Natercia. Ele mesmo o confessa dizendo que nunca, amando, *ardera em uma só chama,* que nunca estivera *amarrado a um só ramo.* Ele amava a feminilidade e amava o amor, mas Natercia nunca absorveu exclusivamente as suas faculdades, nunca dominou a sua inteligencia. Não era uma paixão que ela lhe inspirára, era um sentimento raciocinado de estima imarcessivel, consagrado pela alma atormentada e generosa do poeta a uma doce e terna creatura que o amou e que padeceu por ele.

Desterrado da côrte, tendo falecido em Coimbra seu tio D. Bento e tendo chegado ao reino a noticia do cêrco de Mazagão, Camões, exilado no Ribatejo, determina ir bater-se em Africa e parte para Ceuta, onde batalhou, sendo ferido em combate. Regressa a Lisboa em 1548 tendo cumprido o desterro com que fôra punido.

Na volta de Africa encontra fechadas para ele as portas do paço. A maledicencia de que fôra objecto medrára com a sua ausencia. A me-

diocridade triunfava pela lisonja palaciana, insinuante, rasteira. A altivez do caracter, a originalidade artistica, a independencia intelectual estavam para sempre banidas da côrte de D. João III como violencias pecaminosas e plebeias. Camões é evitado com desdem, quasi com desprezo.

A guerra transformára-o bastante, endurecendo a sua figura e as suas maneiras. Com a pele tostada, as mãos enegrecidas pelo sol africano, o rosto marcado com a cicatriz do ferimento em que perdera o ôlho direito, tinha mais o aspecto rude de um soldado do que o tipo delicado e tenro de um escudeiro e de um cortezão. As mulheres achavam-o feio, hediondamente escalavrado. Chamavam-lhe o *cara sem olhos.* Os poetas crivaram-o de epigramas. E toda a côrte riu. «Ele diz que vê mais que nós, e tem razão d'esta vez: ele vê em cada um de nós dois olhos e nós só lhe vemos um». Foi Pedro de Andrade Caminha quem poz em verso este conceito mimoso. O proprio Camões riu com a real chacota, riu corajosamente, emquanto um imenso tedio o pungia e o sufocava. Resolve expatriar-se, ir para a India. No tomo dos alistamentos do ano de 1550 foi lançado o seguinte assento:

«*Luiz de Camões, filho de Simão Vaz e Ana de Sá, moradores em Lisboa, á Mouraria, Escu-*

deiro, de vinte e cinco anos, barbi-ruivo, trouxe por fiador a seu pae; vae na nau dos Burgalezes».

Mas a nau dos Burgalezes, capitania da armada expedicionaria, arribou para concertar, e Camões tornou a Lisboa, onde permaneceu até 1553. Era preciso que o azedume o penetrasse até á revolta, e que a dissidencia que começava a separal-o da sociedade fosse completa e absoluta.

O principe real D. João, herdeiro presumptivo, tinha o culto da poesia inspirado pela moda, pela pedagogia do tempo e pela influencia de seus tios D. Duarte e D. Luiz, ambos poetas. Sá de Miranda, a rogo do joven principe, mandava-lhe do Minho os cadernos dos seus versos. Outro poeta, parente de Sá de Miranda, João Rodrigues de Sá, era camareiro-mór do principe. Fernão da Silveira dedicava-lhe os seus poemas. Antonio Ferreira consagrava-lhe a comedia *Bristo*. Diogo Bernardes resolvia-se a deixar Ponte do Lima e a vir residir na côrte. Jorge Ferreira de Vasconcelos trasladava para leitura do principe a comedia *Eufrosina* e escrevia para ele as *Proesas da Segunda Tavola Redonda*. O medico da rainha Francisco Lopes e o seu director espiritual Frei Paulo da Cruz tambem versejavam para lisongear a predilecção poetica do real

erudito. E todavia Camões nunca foi recebido pelo principe D. João. A banalidade em coligação fazia barreira em torno do paço opondo um cordão sanitario á invasão assustadora de arte revolucionada por um homem de genio.

O aspecto da sociedade de Lisboa, e em geral de toda a sociedade portuguesa, acusava já claramente a esse tempo a decadencia miseravel de um povo cuja dignidade nacional e cuja independencia iam ser estranguladas n'um abraço de morte pela Companhia de Jesus. O numero dos padres crescera rapidamente e assombrosamente sobrecarregando o paiz com o peso bruto de uma enorme população improdutiva, ociosa e cobarde. Em pequenas aldeias miseraveis e famintas, onde a agricultura cessára por falta de braços, quarenta ou cincoenta padres diziam missas, faziam rezas e prometiam pão em troca de esmolas e de padre-nossos. Esta hipertrofia sacerdotal bastaria para dar a morte a um povo. Nada mais funesto a uma sociedade em movimento do que a preponderancia, ainda que puramente numerica, da classe eclesiastica. O padre, pelo simples facto de ser padre, está fóra da evolução humana. Sem pae e sem filho, pelos seus votos de obediencia e de castidade, ele abdica os dois mais nobres poderes que a

natureza conferiu ao homem: o poder da virilidade, em que se baseia a instituição da familia, e o poder da vontade, foco tão poderoso no equilibrio do mundo moral como o sol no equilibrio planetario do mundo fisico. Obedecer e fazer livre e expontaneamente da obediencia perpetua a regra, a norma, o destino da existencia inteira é prostituir a dignidade fundamental da especie, é recuar na escala zoologica até á bestidade passiva dos animaes inferiores. Os conventos, assim como os bispados e as freguezias, transbordavam de religiosos de um e de outro sexo. Nos conventos de freiras uma grande parte das senhoras tinham nascido dentro da propria clausura e eram filhas de monjas. No convento de Lorvão, onde o abadessado era propriedade da familia Deça, as senhoras mantinham cinicamente nos dormitorios e no côro não só as filhas, mas os rapazes filhos da comunidade. A policia encontrou de uma vez a abadessa, escondida com outra freira, em casa de um clerigo de Coimbra, juntamente com a amante ordinaria do sacerdote. Herculano, que leu esse episodio da vida mistica portuguesa no manuscrito original e coevo de Baltazar de Faria, na biblioteca da Ajuda, diz que a penna se recusa a descrever o estado em que foram achadas as tres reli-

giosas. Nunca se vira um tão grande numero de infanticidios. O amor clandestino invadira e enodoára todas as classes sociaes. Nicolau Cleynarts, o bom professor belga, que então residiu em Portugal por espaço de cinco anos, conta, em uma carta ao seu amigo Latomus, que era grande raridade que um mancebo portuguez contrahisse uma ligação legitima. Cleynarts compara saudosamente os costumes das mulheres portuguesas, de uma indolencia luxuosa, de serralho, absolutamente inhabeis para o trabalho e para a direcção da casa, com a actividade tão energica, tão laboriosa e tão digna das mulheres flamengas. A familia, de portas abertas, vivia na rua e na egreja, n'uma ostentação miseravel de vestuario. Na lareira das cosinhas apagara-se o lume e arrefecera o borralho da tradição sedentaria e do aconchego domestico. O dinheiro, absorvido no culto exterior do trapo, não dava com que pôr a panela ao lume. Fidalgos e fidalgas, que todos os dias percorriam as ruas rodeados de oito lacaios, alimentavam-se de rabanos e de figos. O trabalho livre extinguia-se. Deitar a mão ao que quer que fosse era um oprobrio adstrito ao escravo. Um reles oficial de barbeiro tinha a catadura sobranceira de um capitão da India e não se rendia ao reclamo do

freguez emquanto lhe não mandassem um preto para o seguir em pompa, pela rua, levando a bacia, o gomil e a navalha. A população servil em Lisboa era quasi egual á população livre, graças á autorisação pontificia para reduzir a escravos todos os pagãos, pretos ou brancos, que os portugueses apresassem nos seus dominios. Os descendentes de escravos, fossem ou não baptisados, eram escravos e como taes marcados na cara com um ferro em braza, até á quarta geração. Era-lhes não só permitido, mas imposto o concubinato, como fonte de receita, ainda entre os que já eram baptisados e os que ainda eram herejes. Viviam n'uma promiscuidade obscena no meio da familia. A moralisação, sem nenhuma especie de doutrina, fazia-se simplesmente pelo castigo, que ordinariamente consistia em os queimar com um tição, com toucinho derretido ou com azeite a ferver.

O rei, em quem se achava encabeçada a direcção suprema e absoluta do Estado, assiste inscientemente ao esfacelamento geral da nação, absorvido, pelo lado economico, em contrair emprestimos, pelo lado politico, em agitar ou resolver intrigas eclesiasticas. A reforma da Universidade atraiu-o não como um interesse da civilisação, mas como um interesse fradesco.

A côrte passava o tempo em ladainhas e novenas. Os Autos de Fé tinham a pompa sinistra de grandes festas nacionaes. Os fidalgos percorriam de noite as ruas, badalando campainhas, de rosario em punho, com escapularios ao pescoço, rezando em côro o oficio das almas e a Via Sacra.

Para honra e para gloria da arte, esta sociedade repelia Camões, salvando assim da infecção deleteria do seu contacto o autor dos *Lusiadas*.

Em dissidencia declarada e aberta com a côrte, com a arte academica, com a poesia oficial, em hostilidade com todo esse mundo que se dissolve na impudicicia, na difamação, na hipocrisia e na crapula, Luiz de Camões tem um movimento expressivo de protesto e de revolta. Rebuçado na longa capa das aventuras nocturnas, tendo carregado sobre o ôlho cego o famoso chapeu cujas grandes abas se tornaram proverbiaes em Lisboa, ele, de cabeça alta e provocadora, de punho solidamente cerrado no quadril, empreende este ousado projecto: — Castigar! De que modo? Se escrevesse uma linha agressiva, queimal-o-iam. A penna era-lhe absolutamente inutil. Restava-lhe a espada que trazia á cinta. Lisboa de noite, com os seus boqueirões sobre o Tejo,

com as suas ruas estreitas, com as suas encruzilhadas sinistras, com os seus becos tenebrosos, prestava-se admiravelmente aos recontros e ás brigas. Camões principiou então a passear a deshoras, embuçado e misterioso. D'essas excursões de cada noite resultava uma atenuação numerica nas devoções ou nas libertinagens do dia imediato, porque havia sempre um ou outro rufião noctivago, um ou outro beato tresnoitado, que tendo encontrado de prancha, por cima do seu amor ou por cima da sua ladainha, a espada de Camões, ficava por algum tempo subsequente em casa, derreado.

N'este periodo da sua vida Camões despe-se de toda a cortezia fidalga. É um rebelde premeditadamente grosseiro, acintosamente plebeu. Alguns dos seus epigramas d'essa data teem o sal graudo da giria. Os poucos fidalgos com quem se acamarada são valentões richosos como ele.

A fama das suas violencias tinha-lhe merecido uma alcunha expressiva: — *O Trinca-fortes*.

As mulheres devotas chamavam-lhe mais simplesmente — *O diabo.* E quando ele passava na rua, mãos finas de meninas janeleiras puxavam á pressa as adufas, cerrando-as, com medo.

Em certo dia especialmente solene, o da procissão de *Corpus-Christi,* ainda com o sol fóra, vindo a passar a cavalo na rua de Santo Antão, por traz de S. Domingos, um empregado do paço por nome Gonçalo Borges, moço dos arreios de El-Rei, Camões, no meio de uma *briga de arrancar,* feriu-o com uma estocada no pescoço, *junto* — especifica a devassa — *do cabelo do toutiço.* Á devassa que se tirou sobre o ferimento de Gonçalo Borges, sucedeu-se a prisão de Camões no tronco da cidade.

Na cadeia, preso por brigão, arrancador e richoso, lendo talvez a primeira *Decada* de João de Barros, empreende a composição dos *Lusiadas.*

A 24 de março de 1553, tendo obtido carta de perdão e de soltura, parte para a India na nau S. Bento e desembarca em Goa. É de Goa, pouco tempo depois de ter chegado, que ele escreve a um amigo a carta familiar que vamos ler. Essa carta preciosa, felizmente conservada, encerra o mais completo retrato de Camões, feito por ele mesmo. Cada uma d'essas linhas, palpitante de individualidade, respira, move-se, fala, denuncía e revela o homem, caraterisando-o traço por traço, recompondo-o, animando-o, fazendo-o ressuscitar e aparecer vivo

aos nossos olhos. Ahi está o artista encantador de estilo, de graça risonha, de fina e penetrante ironia. Ahi está o revolucionario em dissidencia hostil com um mundo velho, mexeriqueiro e corrupto em que ele não quer deixar os ossos. Ahi está o terrivel duelista, ao qual ninguem viu nunca os calcanhares, e que é chamado como juiz, como arbitro e como mestre para decidir os problemas do ponto de honra, os conflitos da bravura. Ahi está o galã cavalheiresco e malicioso, distribuindo ás bonitas lisboetas os madrigaes mais graciosos e mais subtis. Ahi está finalmente o amigo fiel, o bravo camarada, o liberal cavaleiro, o coração altivo e bom, tão ingenuo e tão doce para amar, tão rijo para combater e para resistir!

Diz a carta:

«Desejei tanto uma carta vossa, que cuido que pela muito desejar a não vi; porque este he o mais certo costume da fortuna, consentir que mais se deseje o que mais presto ha de negar. Mas porque outras naos me não fação tamanha offensa, como he fazerem-me suspeitar que vos não lembro, determinei de vos obrigar agora com esta, na qual pouco mais ou menos vereis o que quero que me escrevais d'essa terra. Em pago do qual, d'ante mão vos

pago com novas d'esta, que não serão más no fundo de huma arca para aviso de alguns aventureiros, que cuidão que todo o mato he oregãos, e não sabem que cá e lá mais fadas ha.

«Despois que d'essa terra parti, como quem o fazia para o outro mundo, mandei enforcar a quantas esperanças dera de comer até então, com pregão publico: Por falsificadoras de moeda. E desenganei esses pensamentos que por casa trazia, porque em mim não ficasse pedra sobre pedra. E assi posto em estado, que me não via senão por entre lusco e fusco, as derradeiras palavras, que na nao disse, forão as de Scipião Africano: *Ingrata patria, non possidebis ossa mea.* Porque quando cuido, que sem peccado que me obrigasse a tres dias de purgatorio, passei tres mil de más linguas, peores tenções, danadas vontades, nascidas de pura inveja, de verem *su amada yedra de si arrancada, y en otro muro asida*... Da qual tambem amisades mais brandas que cêra se acendião em odios que disparavam lume, que me deitava mais pingos na fama, que nos couros de hum leitão. Então ajuntou-se a isto acharem-me sempre na pelle a virtude de Achilles, que não podia ser cortado senão pelas solas dos pés; as quaes de mas não verem nunca, me fez ver as de muitos, e não engeitar conversações da

mesma impressão, a quem fracos punhão mao nome, vingando com a lingua o que não podião com o braço. Emfim, senhor, eu não sei com que me pague saber tão bem fugir a quantos laços n'essa terra me armavão os acontecimentos, como com me vir para esta, onde vivo mais venerado que os touros de Merceana, e mais quieto que a cella de um frade prégador. Da terra vos sei dizer que he mãe de villões ruins, e madrasta de homens honrados. Porque os que se cá lanção a buscar dinheiro, sempre se sustentam sobre agua como bexigas, mas os que sua opinião deita

a las armas mouriscote,

como maré corpos á praia, sabei que antes que amadureção, se seccão. Ja estes que tomavão esta opinião de valentes ás costas, crede que nunca

riberas de Duero arriba
cavalgaron zamoranos,
que roncas de tal soberbia
entre si foesen hablando;

e quando vem ao effeito da obra, salvão-se com dizer que não podem fazer tamanhas duas cousas, como he prometter e dar. Informado

d'isto veio a esta terra João Toscano, que, como se achava em algum magusto de rufiões, verdadeiramente que ali era

> su comer las carnes crudas,
> su beber la viva sangre.

Callisto de Sequeira se veio cá mais humanamente, porque assi o prometteo em uma tormenta grande em que se vio. Mas um Manoel Serrão, que, *sicut et nos,* manqueja de hum olho, se tem cá provado arrezoadamente, porque fui tomado por juiz de certas palavras, de que elle fez desdizer a um soldado, o qual, pela postura de sua pessoa, era cá tido em boa conta.

«Se das damas da terra quareis novas, as quaes são obrigatorias a uma carta, como marinheiros á festa de S. Frei Pero Gonçalves, sabei que as portuguesas todas cahem de maduras, que não ha cabo que lhe tenha os pontos, se lhe quizerem lançar pedaço. Pois as que a terra dá além de serem de rala, fazei-me mercê que lhe falleis alguns amores de Petrarca, ou de Boscão; respondem-vos uma linguagem meada de hervilhaca, que trava na garganta do entendimento, a qual vos lança agua na fervura da mór quentura do mundo. Ora julgae, senhor, o que sentirá hum estomago costumado a resistir ás falsidades de

hum rostinho de tauxia de huma dama lisbonense, que chia como hum pucarinho novo com agua, vendo-se agora entre esta carne de salé, que nenhum amor dá de si. Como não chorará las memorias de *in illo tempore!* Por amor de mi, que ás mulheres d'essa terra digais da minha parte que se querem absolutamente ter alçada com baraço e pregão, que não receiem seis mezes de má vida por esse mar, que eu as espero com procissão e palio, revestido em pontificial, onde est'outras senhoras lhe irão entregar as chaves da cidade, e reconhecerão toda a obediencia, a que por sua muita idade são já obrigadas.

«Por agora não mais, senão que este soneto que aqui vai, que fiz á morte de D. Antonio de Noronha, vos mando em sinal de quanto d'ella me pezou. Huma egloga fiz sobre a mesma materia, a qual tambem trata alguma cousa da morte do principe, que me parece melhor que quantas fiz. Tambem vo-la mandara para a mostrardes lá a Miguel Dias, que pela muita amisade de D. Antonio, folgaria de a ver; mas a occupação de escrever muitas cartas para o reino, me não deo lugar. Tambem lá escrevo a Luis de Lemos em resposta de outra que vi sua; se lha não derem, saiba que he a culpa da viagem, na qual tudo se perde. — *Vale*».

A vida de Camões na India é cheia de movimento e de comoção. Bate-se contra o Chembé. Percorre a costa da Arabia na armada que levava a expedição de D. Fernando de Menezes ao estreito de Meca. Dobra o cabo de Rosalgate. Faz o cruzeiro de Mascate. Regressa a Goa. Parte para a China em 1556, nomeado para o cargo de provedor-mór dos defuntos e ausentes de Macau, ao qual incumbia a arrecadação das importantes heranças de comerciantes portugueses que ali faleciam. Regressa a Goa ao cabo de dois anos de serviço em Macau. Naufraga na costa de Camboja na Cochinchina. Perde no mar a pequena fortuna, — *algum fato que tinha de seu* — e que soubera adquirir pela economia e pelo trabalho. Salva a nado no rio Mecon os seis cantos dos *Lusiadas* que escrevera em Macau,

-o Canto que molhado
Vem do naufragio triste e miserando
Dos procelosos baixos escapado;
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
Naquele cuja lira sonorosa
Será mais afamada que ditosa.

É preso em Goa pelo *injusto mando* do governador Francisco Barreto, em consequencia de intrigas referidas ao modo como administrara a fazenda de Macau: *Isso,* diz Manoel Correia, *lhe fizerom mexericado por alguns amigos, d'onde ele esperava favor.* Nos carceres de Goa recebe a noticia da morte de D. Catarina de Ataíde, a sua doce e desafortunada amiga, a alma gentil tão cedo partida d'esta vida, falecendo na edade em que o amor, como um perfume excessivamente penetrante, tantas vezes envenena e mata. Tinha vinte e seis anos. Encantadora efemera, o seu perfil suave amostra-se apenas, no turbilhão revolto da côrte ensanguentada e torpe em que viveu, esboço fugitivamente delineado como a alvura nevoenta de uma saudosa balada. Mas, á semelhança de Ofelia, aureolada de flores e beijada pela luz amiga do brando luar, ela boiará para sempre no rio dos mortos, flutuando atravez dos seculos, branca visão serena, silenciosa e casta, eternamente suspensa ao lume d'agua pela saudade imortal d'aquele que a amou e que lhe poz na cabeça a mais imarcessivel coroa de nupcias, escolhendo-a para sua mulher perante a gloria.

D. Constantino de Bragança, sucedendo no governo a Francisco Barreto, põe Camões em

liberdade. Em 1561, achando-se pobrissimo, é outra vez preso por dividas a requerimento de Miguel Rodrigues Coutinho, o *Fios-Secos*. É solto em 1662, fazendo então, segundo as mais fundadas hipoteses, a viagem de Malaca e das Molucas, onde mercadejara talvez e d'onde trouxera o Jau. Em 1567, tendo regressado a Goa, parte com o capitão Pedro Barreto para Moçambique, onde em 1569 o vae encontrar Diogo do Couto, em cuja obra se lê, na *Decada* VII: «Em Moçambique achamos aquele principe dos poetas do seu tempo, meu matalote e amigo Luiz de Camões, tão pobre, que comia de amigos, e para se embarcar para o reino, lhe ajuntamos os amigos toda a roupa que houve mister, e não faltou quem lhe désse de comer, e aquele inverno, que esteve em Moçambique, acabou de aperfeiçoar as suas *Lusiadas* para as imprimir, e foi escrevendo muito em um livro, que ia fazendo, que intitulava *Parnaso de Luiz de Camões,* livro de muita erudição, doutrina e filosofia.»

Parte finalmente de Moçambique e chega a Lisboa, depois de uma ausencia de dezesete anos, no dia 7 de abril de 1570, a bordo da nau Santa Clara.

A cidade que o poeta vem encontrar ao desembarcar no Tejo é bem diferente da que

ele deixára ao partir. Do tempo de D. Manoel ou dos primeiros anos do reinado de D. João III até o tempo de D. Sebastião, duas vagas alterosas tinham assolado a bela capital em festa, d'onde partiam, empavezados, flamantes da esperança, arquejando de aventura, os galeões das conquistas. A Inquisição e a peste grande de 1569 haviam coberto o solo com uma crusta de podridão empapada em sangue e em lagrimas.

Cincoenta mil pessoas tinham morrido empestadas. Houve dias em que seiscentas e setecentas vitimas sucumbiram, caindo muitas d'elas fulminadas repentinamente. Espalhara-se a profecia de que Lisboa seria subvertida, esboroando-se a colina do Castelo sobre o Carmo e sobre Almada. Os que não enfermavam fugiam sem destino, levados uns pelos outros, na vertigem do terror. Tinham-se fechado todos os belos armazens da rua Nova dos Ferros e do Rocio. A herva crescera alto nas ruas desertas, abeberada no estrume dos cadaveres enterrados ás portas. Os forçados tinham sahido das galés para sepultar os mortos nos montados, nos olivaes e nas praias, em grandes valas sagradas á pressa, onde eram lançados de roldão os defuntos que esperavam cova durante dias com as mãos lividas cruzadas

no peito, amortalhados, estendidos na rua, cobertos de moscas, dissolvendo-se ao calor do sol.

A Inquisição não fizera menos estragos do que a peste. Os grandes mestres que a reforma dos estudos reunira em Coimbra pelo tempo em que fôra educado Camões haviam desaparecido, ou perseguidos, ou presos, ou dispersos pelo terror que inspirava o Santo Oficio. Depois da morte de André de Gouveia — do qual o seu discipulo Montaigne escreveu: *Il feut sans comparaison le plus grande principal de France* — varios professores seus companheiros haviam sido condenados; entre eles Buchanan, preso durante ano e meio por comer carne em dia dè jejum e por dizer mal dos franciscanos. Em Portugal, assim como em toda a Peninsula, os mais distintos cultores das sciencias e das letras provocavam a perseguição do terrivel tribunal, emquanto os jesuitas, apoderando-se inteiramente do ensino, monopolisavam a direcção da inteligencia. Damião de Goes, que ao tempo do regresso de Camões estava já denunciado na mesa inquisitorial pelo Padre Simão Rodrigues, tinha de ser condenado dois anos depois a carcere perpetuo, acusado por sua sobrinha Briolanja, por seu genro, por sua propria filha Catarina, e pelo

poetastro odioso Pedro de Andrade Caminha. O processo de Damião de Goes, um dos mais brilhantes europeus do seculo XVI, reduzido á miseria pelo sequestro dos seus bens, velho, doente, *cheio de usagre e de sarna por todo o corpo,* não podendo *suster-se nas pernas* e pedindo ao tribunal, do fundo da sua masmorra, *pelas cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo,* que se lhe empreste para ler um livro latino, porque ele apodrece ali a pouco e pouco de ociosidade e de desgosto, é um dos documentos mais expressivos do estado dos espiritos em Portugal á chegada de Luiz de Camões. As pessoas mais honradas convertiam-se expontaneamente em espiões e em delatores. As mulheres denunciavam os maridos, os filhos denunciavam os paes. O horror á prisão inesperada, ao processo secreto, á condenação irremissivel afundira a sociedade inteira na mentira, no fingimento hipocrita, na traição refalsada. Uma tristeza imensa pesava em todos os espiritos, cobria os campos incultos e cobria a cidade devastada pela morte, onde as procissões de penitencia carpiam pelas ruas, de egreja em egreja, chorando a miseria e o luto. Foi atravez d'esses cortejos lugubres, d'essa desolação lamentosa, que Camões atravessou Lisboa desde o Caes até á Mouraria,

ele mesmo alquebrado pelas fadigas, pelas doenças, pelos desgostos, apoiando ao hombro do seu fiel Jau os restos de uma existencia dilacerada e *pelo mundo em pedaços repartida.*

Nada mais triste na historia das crueis desilusões humanas do que a volta á casa paterna d'esse filho prodigo, recebido nos braços de uma velha mãe, viuva desamparada e pobrissima! De tudo quanto ele amara na vida — a força, a destreza, o ruido, o combate, a gloria — restava-lhe apenas o carinho d'aquele peito alquebrado, as lagrimas d'aqueles olhos e a benção d'aquelas mãos enrugadas e tremulas, estendidas sobre a sua cabeça encanecida. Para que se não deixasse acabar ahi de desalento, de cansaço e de amargura, no aconchego do derradeiro amparo a que podia aspirar na terra, era preciso que ele estivesse ainda solidamente amarrado á vida por esse vinculo maravilhosamente poderoso, quasi indestrutivel á acção da morte, que prende aquele que enceta um grande feito á conclusão da sua obra.

No desalento d'esses ultimos anos ele sente com magua diminuir *o gosto de escrever que vae perdendo;* sente que lhe enrouquece a voz...

E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda, e endurecida.
O favor com que mais se acende o engenho,
Non-o dá a Patria, não, que está metida
No gosto da cobiça e da rudeza
D'ũa austera, apagada e vil tristeza.

. . . .

A fortuna me faz o engenho frio,
Do qual já não me jacto, nem me abono;
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento e eterno sono...

Acabado o seu poema, terminado o manuscrito que traz comsigo e que representa o unico fruto da sua longa e trabalhosa peregrinação no mundo, vencidas pacientemente as enormes dificuldades da censura, combinadas as substituições e as emendas a que é preciso sujeitar o livro para que a policia inquisitorial lhe dê venia, impressos finalmente e publicados *Os Lusiadas*, Camões, premiado como poeta e como soldado com uma tença anual de quinze mil reis, tentou ainda lutar, abraçar-se á vida por algum novo interesse.

As pestes, as fomes subsequentes, os naufragios consecutivos, as aventuras da India, a cobiça desenfreada, a dissolução da vida domestica, a pobreza, o terror á Inquisição e o fanatismo catolico tinham cahido como uma só e imensa catastrofe sobre o povo portu-

guez, afectando profundamente os organismos, atacando-os nos centros nervosos, comprometendo pelas excessivas comoções o equilibrio das faculdades intelectuaes, produzindo finalmente uma geração enferma, propensa ao histerismo, á epilepsia e á loucura. Os jovens fidalgos da côrte de D. Sebastião não são homens normaes. Na breve historia d'este reinado revela-se uma especie de alucinação publica. Ha o que quer que seja estranho, insensato, frenetico, patologico, n'essa expedição á Africa reunida em Lisboa, convertendo a cidade n'um acampamento de opera, com barracas de seda garridamente listradas e guerreiros de chapeus empenachados, vestidos de veludo, com golpes de setim e passamanes de ouro, espadas e adagas cravejadas de rubis, esporas recurvas e tilintantes calçando os finos pés aristrocraticos de homens que mal sabem andar e menos ainda aguentar-se a cavalo, de rins moles e de imaginação concupiscente, amparados a quatro pagens encarregados de os levar mimosamente para a guerra, colocando-os nas selas almofadadas de veludo, segurando-lhes as capas, calçando-lhes as luvas e afivelando-lhes sobre as rendas perfumadas as couraças polidas, no centro das quaes desabrocham em escudetes, como flores

de esmalte, as côres dos brazões. Os soldados italianos, castelhanos e tudescos manobram nas ruas em evoluções aparatosas, fazendo brilhar ao sol como n'uma bela mascarada, o matiz dos uniformes e o aço reluzente dos arcabuzes e dos mosquetes. Na Sé o arcebispo benze solenemente o estandarte que tem de entrar na batalha com a imagem de Cristo crucificado. Ha banquetes e saraus ao som dos tambores, á luz alegre dos fogos de campanha, —grandes orgias militares e sentimentaes, em que as mulheres desfalecem, rendidas pela novidade da comoção, pendidas, na doce frouxidão das despedidas, sobre o peito dos namorados da nova ala, dos novos cruzados que iam á guerra d'Africa preparar-se para ir mais tarde ao resgate do Santo Sepulcro.

O rei D. Sebastião julgava-se destinado pela Providencia para ser o redentor d'este povo abatido, que era preciso retemperar no antigo heroismo por meio de um enorme feito milagroso. Este principe, que tinha na exacerbação do delirio o sentimento da cavalaria, da honra, da religião e da patria, era naturalmente simpatico ao caracter de Camões, e foi com um vislumbre de esperança na rehabilitação do caracter nacional que o poeta viu o joven soberano, *de quem esperava jugo e vitupe-*

rio do torpe Ismaelita, do Turco oriental e do Gentio, ir á egreja da Batalha, desenterrar o corpo de D. João II, pôr em pé defronte de si o esqueleto do grande rei e medir-se peito a peito com a ossada veneranda, cingida ao seu largo montante de guerra. Camões quiz ainda associar-se a esse esforço supremo em que se empenhavam todas as posses da nação, e em que ele se inclinava a crer, por tendencia mistica, como n'um milagre. Mas o milagre falhou.

Filipe II de Castela, entrando triunfantemente em Lisboa, aclamado pelo povo e cantado por poetas a quem ele proprio pagava a inspiração, como Pedro de Andrade Caminha, Diogo Bernardes, Rodrigues Lobo, Fernão Alvares do Oriente, Pero da Costa Perestrelo e outros, quiz ver o feitio que teria em Portugal um homem, e pediu que lhe trouxessem Luiz de Camões. Foram-o procurar. Tinha morrido, no momento em que o exercito espanhol penetrava no territorio portuguez, no dia 10 de junho de 1580, dois mezes antes da vitoria de Alcantara pelo duque d'Alba.

Em um fragmento de carta dirigida a D. Francisco de Almeida conservam-se as derradeiras palavras do poeta:

«Quem ouviu dizer nunca que em hum tão pequeno leito quizesse a fortuna representar

tão grandes desaventuras? E eu como se ellas não bastassem me ponho ainda da sua parte; porque procurar resistir a tantos males, pareceria especie de desavergonhamento. E assi acabarei a vida, e verão todos que fui tão affeiçoado á minha patria, que não sómente me contentei de morrer n'ella mas de morrer com ella».

Não se realisou essa profecia. O *bom Luiz*, como lhe chamava o seu amigo Torquato Tasso, morreu. A patria, não. A patria ficava, eternisada na obra imortal em que o poeta se lhe consagrara. *Os Lusiadas* são os deuses penates da nacionalidade portuguesa. Onde eles estiverem ahi estará eternamente a nação para o portuguez que os ler.

Quando Portugal suportava o jugo do dominio estrangeiro *Os Lusiadas* eram a patria de João Pinto Ribeiro, e foi lendo e comentando o poema de Camões que se creou a grande alma d'esse eminente cidadão que soube manter o peso de um scétro, firme e honrado, no punho de um rei tão fraco, tão mesquinho e tão covarde como D. João IV.

O bispo Frei Tomé de Faria, aos oitenta anos de edade, traduzindo *Os Lusiadas* como consolação das suas tristezas de patriota, consagra o seu trabalho á *Nação Portuguesa*.

Estava-se em 1622, em pleno dominio espanhol, mas perante *Os Lusiadas* Portugal continuava a ser uma nação para o velho e pezaroso humanista.

João Franco Barreto, que tinha ido ás guerras de Pernambuco, André Baião, em Roma, Frei Francisco de Santo Agostinho, em Paris, Garcez e Bento Caldeira, em Espanha, adoçam egualmente as amarguras da expatriação e fortalecem-se na tempera nacional estudando, anotando ou traduzindo *Os Lusiadas*.

No desterro foram ainda *Os Lusiadas* a patria ideal de Brotero, de Coelho da Serra e de Filinto Elisio; e é em volta de Camões, que na emigração de 1824, se reunem para o comemorar como um simbolo da liberdade— pela pintura, pela musica e pela poesia—os tres maiores artistas nacionaes do principio d'este seculo—Sequeira, Domingos Bomtempo e Garrett.

Esta mesma pagina que estaes lendo, o que é senão a expressão obscura de um grande e nobre tributo de gratidão e de amor trazido por portugueses de muito longe da terra natal á memoria d'aquele que, simbolisando as mais altas e as mais gloriosas aspirações nacionaes, será sempre para os cidadãos ausentes de

Portugal o objecto sacrosanto das suas invocações patrioticas? Para os portuguezes que, do paiz descoberto por Alvares Cabral, enviam a Camões a sua homenagem, *Os Lusiadas* são a representação da cidade ideal, a flôr da Terra Prometida aos seus corações entusiastas e saudosos.

Todos os elementos tão complexos d'essa coesão que se chama a nacionalidade de um povo estão expressos e afirmados indelevelmente n'esse livro, que é o mais vasto poema concebido pelo genio de um homem.

Pela sua fórma e pela sua disposição literaria *Os Lusiadas* teem sido justamente equiparados á *Eneida,* mas é principalmente pelo seu objecto que *Os Lusiadas* são comparaveis á epopeia latina e ao poema ciclico da *Iliada,* colaborado pela inteligencia colectiva de um povo. Não é sómente um heroe e um momento historico que se celebra nos *Lusiadas,* é uma nação inteira, é a grande alma popular, é o *peito ilustre lusitano.*

O valor individual do Gama é puramente acessorio...

> Ás musas agradeça nosso Gama
> O muito amor da patria, que as obriga
> A dar aos seus na lira nome e fama,
> De toda a ilustre e belica fadiga:

Que *ele*, nem quem na estirpe *seu* se chama.
Caliope não tem por tão amiga,
Nem as filhas do Tejo, que deixassem
As telas d'ouro fino, e que o cantassem.

Os *Lusiadas* celebram a patria com todas as energias que a constituem, com todos os carateristicos que a individualisam e assinalam: — as origens, a lingua, a religião, a poesia, a historia, a politica, a geografia, o solo, a paizagem, os temperamentos, as paixões, as tradições, os mitos e as lendas.

A lingua póde-se dizer que foi Camões quem a creou, tal como ela ainda hoje se escreve e se fala — disciplinando-a, enobrecendo-a, dobrando-a a todas as fórmas, tornando-a um dos mais poderosos e dos mais belos instrumentos das literaturas modernas. A poesia, na fórma culta e literaria, foi ele que a tornou compreensivel e nacional, baseando-a na tradição do lirismo popular, libertando-a do convencionalismo classico, dando-lhe os metros que mais quadram á locução vernacula, á fala, á cantiga, ao ouvido lusitano, escrevendo-a, não para os eruditos, nem para os reis, nem para os cortezãos, nem para os sacerdotes, mas unicamente para o grande e incorrutivel juiz supremo da obra d'arte — o povo.

A geografia da nossa nacionalidade nin-

guem a fez com mais filial amor, ninguem, sobretudo, a caraterisou n'um só traço tão profundo como esta simples designação — *a ocidental praia lusitana.* Toda a nossa historia procede d'este principio geografico: Portugal é uma praia. É por essa razão que este reino, *onde a terra se acaba e o mar começa,* teve um papel na historia, teve uma autonomia na politica e foi uma nação. O mar chamava-nos; metemos á onda a prôa do nosso baixel e seguimol-o. D'ahi, a nossa independencia, o nosso poder de acção sobre o progresso do mundo, e, historicamente, a nossa razão de ser. Ninguem compreendeu como Luiz de Camões esta verdade fundamental. Por isso o poema da nossa nacionalidade é essencialmente maritimo. Não ha combates nem assedios, não ha eden nem ha inferno, não ha ficções nem fabulas no assunto d'esse livro maravilhoso. O Dante, o Tasso, Milton, Klopstock, para fazerem as suas epopeias, recuam do seu tempo, vão atraz de Pedro Eremita para o Santo Sepulcro, repisam o caminho da redenção messianesca, guindam-se aos ceus, aprofundam-se no interior do Averno e precisam para fazer andar um heroe de pôr em jogo mil aparelhos miraculosos a que puxam legiões de sombras, de fantasmas com todas as fórmas, de anjos, de demonios,

de predestinados e de precitos. Camões, considerando que os interesses do mundo moderno se prendem aos factos da civilisação e não ás abstracções da metafisica, inicia a arte nos seus novos destinos, cantando um povo que entra na historia pela revolução da sciencia, pela luta pacifica do homem com a natureza. E o seu poema, que encerra a imagem de toda a elaboração de uma nacionalidade, tem por unico teatro de acção um simples navio, que arvorou á pôpa o pavilhão das quinas e que vae dobrar o Cabo Tormentorio.

A religião dos *Lusiadas* é esse doce cristianismo da Egreja primitiva, que tão intimamente se alia com a poesia do mar. O templo tem a fórma da nau com a prôa ao Oriente: *ecclesia instar navis ad'Orientem conversa.* Os marinheiros davam á Virgem o nome terno de Estrela do Mar. E quando em mares inexplorados e desconhecidos o gageiro vê terra, os nossos navegantes ajoelham-se no convez e com as cabeças descobertas entoam com uma solenidade simples e tocante a *Gloria in excelsis Deo.* Piedosas lendas cristãs explicam á razão ingenua dos rudes mareantes varios fenomenos maritimos.

O elemento maravilhoso dos *Lusiadas,* o conflito das divindades actuando na direcção

dos sucessos, não é um facto de subserviencia ao *deus ex machina* da velha estetica. A intervenção divina no destino das cousas humanas era a base de todo o sistema moral na alma profundamente mistica dos povos peninsulares. Camões faz entrar no jogo da sua epopeia esse elemento transcendente — a fé religiosa, que ele mesmo tinha, a fé que fôra uma das grandes forças impulsivas da acção que ele se propunha celebrar, a fé que ainda ninguem soube exprimir com uma eloquencia tão elegiaca e tão solene como a d'ele, nas redondilhas que começam:

> Sôbolos rios que vão
> Por Babilonia me achei...

*

* *

Todos os heroes peninsulares teem a mesma profundidade de crenças.

Colombo é um iluminado que conversa com Deus como Santa Tereza de Jesus. Vasco da Gama, que partira do Restelo em *serviço de Deus,* como ele proprio confessa a D. Manoel, acredita tão piamente na vontade do Eterno, que o elegeu para levar a fé aos mundos des-

conhecidos, que, ao abafar a celebre conspiração dos pilotos, ele arroja ao mar da borda da capitania todos os instrumentos e todas as cartas de navegação. «*E agora,* — acrescenta profeticamente — *Deus e a India!*»

A promiscuidade dos deuses pagãos com as entidades do catolicismo, tão levianamente repreendida nos *Lusiadas,* não só exprime de um modo concreto a aliança do espirito ocidental com o espirito do Oriente, mas constata o sincretismo religioso que tão profundamente impressionou os nossos navegantes. *O falso deus adorando o verdadeiro* era um facto frequente e vulgar na India, no tempo a que ali chegaram as nossas primeiras expedições. Os nestorianos, depois de condenados no concilio de Epheso, pela heresia que consistia em negar que a Virgem Maria se podesse denominar a mãe de Deus, refugiaram-se pelo seculo V até os confins da Asia, creando na India um grande numero de proselitos. O nestorianismo subsiste ainda hoje, contando cerca de 400 mil aderentes. Os nossos marinheiros foram encontrar na costa de Coromandel uma capela do apostolo S. Tomé servida por gentios que acreditavam egualmente nos milagres dos nossos santos e nos dos seus deuses. Nas procissões, os andores em que iam os idolos eram abai-

xados com reverencia deante da capela do apostolo. Este facto, citado na Cronica de D. João III, por Francisco de Andrade, é um dos muitos vestigios da influencia dos nestorianos, que se chamavam na India «os cristãos de S. Tomé». Em Castanheda e no roteiro anonimo do *Descobrimento da India por Vasco da Gama* encontram-se referencias a factos analogos. Se á ideia da influencia regressiva dos nestorianos acrescentarmos que os sistemas religiosos da India se desenvolveram do mesmo tipo primordial das outras religiões indo-europeias, e que entre todas as religiões asiaticas se operaram em diferentes periodos acções e reacções consideraveis, compreenderemos as analogias cultuaes cuja existencia Camões simbolisou e que a critica moderna tem largamente definido.

A situação politica e geografica de Portugal com relação á Europa, a sua corografia, as origens das suas principaes cidades e vilas, a impressão das suas paizagens, o aspecto dos novos paizes descobertos e conquistados, a religião d'eles, a politica, a indole, os usos, os produtos do solo, as proprias vestimentas, tudo nos aparece nos *Lusiadas*, como n'um quadro completo em que se desdobra a acção.

O temperamento nacional, a idiosincrasia portuguesa, a compleição moral do povo, transluzem com uma expressão intensa dos episodios familiares do poema.

A nossa indole proverbialmente amorosa manifesta-se em muitos lances e principalmente na pintura do paraiso prometido aos heroes como o premio da coragam representado na Ilha dos Amores.

O sentimento do Oceano, tão verdadeiro e tão intimo no coração do poeta, a sua maravilhosa compreensão de todos os fenomenos astronomicos e maritimos, a sua tecnologia naval, os seus quadros tão reaes da vida de bordo, com as conversações do tombadilho, as manobras, as comoções da tormenta e as alegrias que traz comsigo o perfume da terra avistada pelo gageiro, fazem de Camões o interprete mais fiel do genio maritimo de um povo essencialmente navegador; do povo que ao mesmo tempo que fazia as grandes viagens para o Oriente, fazia tambem as grandes pescas maritimas para o Norte; do povo que, para definir um estado estado especial do seu espirito amargurado pela periodicidade das ausencias, creou uma palavra especial que nenhum outro povo tem — *a saudade;* de um povo cujos marinheiros conceberam, eles mesmos, essa

bela epopeia anonima que se chama a *Historia Tragico-Maritima,* livro sublime e unico nas literaturas modernas; de um povo, finalmente, que n'uma das suas mais belas cantigas populares assinalou a compreensão do seu destino, com esse traço expontaneo e profundo:

> A minha alma é só de Deus
> E o meu corpo é do mar.

Toda a historia de Portugal desde as suas origens até á edade do poeta — historia antiga e historia contemporanea — é narrada nos *Lusiadas* com uma eloquencia vibrante, com um impulso de entusiasmo electrico, que se nos comunica e nos faz seguir as narrativas do Gama ao rei de Melinde e ao Catual do imperador de Calecut como cortejos triunfaes que passam, na orquestração vitoriosa de tubas canoras e belicosas, que o peito acendem e a côr ao gesto mudam.

E, de envolta com a historia, entretecem-se as antigas legendas e as tradições patrioticas, nas quaes se transmite de geração para geração o ideal do povo.

As grandes virtudes nacionaes tomam vulto e desfilam aos nossos olhos, encarnadas nas figuras dos heroes.

É a lealdade representada em Egas Moniz, *espelho de vassalos*, o que

> Determina de dar a doce vida
> A troco da palavra mal cumprida.

É o amor, na mimosa e palida figura da linda Inez, — *que depois de morta foi rainha.*

É o patriotismo, no condestavel D. Nuno Alvares, — o *pae da patria*, o *açoute de soberbos castelhanos*, o *Scipião portuguez*, propondo-se, ele só, *defender da força dura e infesta a terra nunca d'outrem subjugada.*

É a abnegação e o martirio, no santo infante D. Fernando,

> Que por salvar o povo miserando...
> A cativeiro eterno se convida.

É o valor e a bravura guerreira, em D. Fuas Roupinho, — *levando a gloria*

> Da primeira maritima vitoria;

no prior Teotonio, — o vencedor d'Arronches; em Moniz, — *que o hispalico pendão derriba em terra;* em Geraldo Sem-Pavôr, — o do *forte peito;* em Martim Lopes, — o heroe d'Abran-

tes; no bispo D. Mateus, — *que em lança d'aço torna o bago d'ouro;* em Paio Correia, — o conquistador do Algarve.

É a galanteria cavaleirosa e romanesca nos Doze de Inglaterra, no Grão-Magriço, em Gonçalo Ribeiro e nos seus dois companheiros de aventura, que em França e Espanha

> Se fazem conhecer perpetuamente
> Em desafios, justas e torneios.

Os carateres dos soldados da India — os fortes Gamas, os Albuquerques terriveis, os Castros fortes, os Almeidas *por quem sempre o Tejo chora* — são desenhados á maneira de Shakspeare com a justiça inflexivel da verdade.

A politica de Camões — n'um tempo em que a politica não era ainda um problema scientifico, mas sim o resultado de uma aspiração sentimental — deduz-se naturalmente, não das suas convicções, mas das suas crenças. Camões era um catolico da Renascença. A teoria — refutada pela Reforma — de uma Monarquia universal, derivada de principio de uma Egreja universal, seduziu o seu espirito de portuguez e de papista. O seu patriotismo ardente inspirou-lhe a ideia da missão hegemonica da

sua patria sobre os estados europeus, e ele acreditou que Portugal estava destinado a ser conjuntamente a cabeça da Cristandade e a do Quinto Imperio. Como produto do raciocinio scientifico, nada mais contestavel, se a politica do seculo XVI se subordinasse á sciencia. Como facto do sentimento patriotico, nada mais belo do que a aspiração camoneana.

Como politico, como literato, como erudito, o autor dos *Lusiadas* é um resultado das influencias que determinavam a direcção mental e social do seu tempo. Mas Camões é principalmente, e sobre tudo, um artista de genio, isto é, uma poderosa individualidade atravez da qual as comoções recebidas se concretisam em concepções pessoaes de um caracter essencialmente humano. No molde gerador da sua grande alma, a creação artistica assume a originalidade mais poderosa, mais energica, mais dominativa. Por essa razão, apesar de catolico e de monarquico, ele ousa lançar á face da realeza, cuja vontade — *manda mais que a justiça e a verdade,* — e á face do clero, essa estrofe tão sentida e tão generosa.

> Vê que aqueles que devem á pobreza
> Amor divino, e ao povo caridade,
> Amam sómente mandos e riqueza,
> Simulando justiça e integridade.

Da feia tirania, e de asperesa,
Fazem direito, e vã severidade:
Leis em favor do Rei se estabelecem,
As em favor do povo só perecem.

*

* *

Na mesma epoca em que o autor dos *Lusiadas* protestava tão energicamente contra a intolerancia da Egreja, o autor da *Jerusalem Liberata* sancionava o despotismo catolico exclamando: — *Per la fé il tutto lice!*

É pela qualidade de artista, o que é o mesmo que dizer — é pelo valor pessoal — que Camões viverá eternamente na admiração e na simpatia humana. Se ele fosse um puro sabio de gabinete, um sentimentalista de sala, um guerreiro de côrte, consagrando ás especulações esteticas os ocios aristocraticos, a preocupação erudita do seculo assoberbal-o-hia e esmagaria a sua obra na doblez da lisonja aos poderes vigentes e na imitação banal dos modelos consagrados. Mas ele é o homem de acção que a sua biografia nos revela. Não faz simples tarefa imaginativa e literaria. As scenas que descreve e os logares que pinta viu-os ele mesmo pessoalmente e de perto.

As paixões de que vivem os seus heroes, ele proprio as sentiu e as experimentou. A sua vida, profundamente acidentada, deu-lhe a posse de todas as impressões de que é suscétivel a sensibilidade humana. Sucessivamente glorificado e escarnecido, cordealmente amado e implacavelmente perseguido, provou a doçura de todos os triunfos e o amargor de todas as miserias. Bacharel, fidalgo, cortezão, brigador, viajante, soldado, marinheiro, funcionario administrativo, tendo passado por todas as provações da desgraça — a indigencia, a fome, os desterros, os cativeiros, as guerras, os naufragios — tendo sentido todos os contactos hostis da vida, todas as lutas pela existencia, temperára-se rijamente na verdade das coisas. Saturára-se de realidade. Não podia ser servilmente um imitador ou um convencionalista. A energia da sua personalidade reage vitoriosamente sobre o canonismo do seu meio. É um iniciador. Demonstrou-o bem Humboldt, demonstrou-o Schlegel, demonstrou-o Proudhon, demonstrou-o Quinet. E nada mais significativo na glorificação de Camões do que o testemunho conforme d'esses quatro homens, que representam as quatro maiores forças do seculo XIX: a sciencia, a critica, o espirito da justiça, e o sentimento da concordia e da fraternidade humana.

Camões é um grande poeta porque foi um grande homem, experimentando todas as comoções da vida, praticando todas as virtudes do animo, sentindo todas as responsabilidades da inteligencia.

O nivel da energia e da dignidade portuguesa póde determinar-se, como n'um termometro, pelo grau em que se desenvolve ou se deprime o apreço publico á obra de Camões. Desde o ultimo quartel do seculo XVI até o fim do seculo XVII tiram-se sucessivamente vinte e tres edições dos *Lusiadas;* no seculo XIX fazem-se cincoenta e duas edições; no seculo XVIII fazem-se apenas dez! A aproximação d'estes numeros é eloquente. Não se liam os *Lusiadas* no seculo da intolerancia e do despotismo, no seculo em que D. Pedro II, celebrando o tratado de Methwen, fazia de Portugal uma feitoria ingleza, em que D. João V transformava o reino inteiro em uma torpe sacristia por cima da qual badalava o carrilhão de Mafra, em que D. José definia o dogma da soberania absoluta e omnisciente do rei, e D. Maria I, beata até á imbecilidade, convertia em instituições nacionaes o histerismo devoto e a gulodice fradesca.

Os *Lusiadas* são a pedra monumental sob

que jaz a gloria da patria, e é n'essa pedra que terão de vir afiar as suas espadas de combate todos os portugueses que se armarem para resistir a esta invasão terrivel com que lutamos e que se chama — a decadencia.

O futuro das nacionalidades não dependerá por muito tempo do jogo da guerra entre as monarquias. Acima da força de todos os exercitos e de todas as diplomacias anuncia-se a força nova da sciencia determinando a lei das agregações nacionaes com tanto rigor como aquele com que se formúla uma lei mecanica.

Para os portugueses do seculo XIX Camões é o grande simbolo d'esse poder novo que por toda a parte vae congraçando as consciencias em quanto não revoluciona completamente os principios e as instituições. Para os portugueses do seculo XX os *Lusiadas* serão mais que um simbolo: ou serão a unica expressão nacional de um povo extinto para a civilisação e vivendo em torno de um livro como a raça judaica; ou serão a profecia realisada do patriotismo camoneano: — o Imperio do Ocidente, fundado na confederação democratica dos estados peninsulares.

Dando a ler este livro aos nossos filhos, nós preparamol-os para o conflito que chega,

vestindo-lhes uma armadura e impondo-lhes uma benção, — a benção de Luiz de Camões, o pae do nosso espirito.

Lisboa, 19 de março de 1880 [1].

---

[1] Os documentos da biografia de Camões que servem de fundamento a este ensaio de critica encontram-se nas obras mais recentemente consagradas á historia do poeta pelo Sr. Visconde de Juromenha, o benemerito investigador, e pelo Sr. Teofilo Braga, a quem o paiz deve a historia completa da sua evolução literaria. — *Nota do autor.*

GARRETT

Mensagem que o Ateneu Comercial do Porto dirigiu aos deputados da nação em 6 de Abril de 1900, pedindo a trasladação dos restos mortaes do Visconde de Almeida Garrett para o Pantheon Nacional dos Jeronimos. Publicada pela revista *Brazil-Portugal* no seu numero de 1 de Maio do mesmo ano.

Garrett

Os abaixo assinados, cidadãos da antiga, muito nobre e sempre leal cidade do Porto, veem por este meio juntar os seus votos aos já enunciados por numerosos portugueses, para que, por determinação do poder legislativo, sejam trasladados para o Pantheon Nacional da egreja dos Jeronimos os restos mortaes de João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, Visconde de Almeida Garrett.

Honrar a memoria dos grandes compatriotas, estreitando assim os laços de simpatia e de solidariedade que prendem o homem á terra em que nasceu, á raça de que procede e á sociedade de que faz parte, reconstituindo por tal modo a sintese moral de cada povo, profundamente abalada pelo progressivo arrefecimento da antiga fé no inquieto coração das gerações modernas, é um indeclinavel e sagrado dever

de legisladores, que temos por superfluo definir perante a esclarecida inteligencia dos Senhores Deputados.

Enumerar os altos e incomparaveis titulos de Garrett á gratidão portuguesa seria injuriar a capacidade da Assembleia a que os abaixo assinados teem a honra de se dirigir.

Toda a gente sabe que os grandes escritores de um povo, pelo simples facto de enriquecerem a sua literatura, prestam á grandeza moral, á grandeza geografica e á defesa d'esse povo, um serviço maior que o de todas as guerras e de todas as conquistas. Porque o primeiro de todos os elementos de uma nacionalidade é a sua lingua, eterno baluarte, feito de tradição, de poesia e d'arte, resistente a toda a invasão das armas, inconquistavel e indestrutivel.

Foi pela constituição do idioma patrio, pela diferenciação d'ele entre os dialectos peninsulares, e pelo progressivo engrandecimento com que os nossos literatos e os nossos poetas conseguiram tornar a lingua portuguesa uma das mais plasticas, das mais sonoras e das mais belas do mundo, que nós nos separamos da nossa honrada e gloriosa mãe a Espanha.

Foi pela força e pela independencia da lingua que fundamos e defendemos a independencia do territorio.

É pela lingua que, tão minguados e diminuidos, ainda hoje vivemos e espiritualmente dominamos sobre uma das mais vastas possessões do globo, na America, na Africa, na Asia.

Esta lingua bem fadada foi Camões que a fez refulgir, sob a sua forma definitivamente literaria, entre as linguas mais cultas da Renascença.

No seculo XIX foi Garrett quem a refundiu para todas as convivencias da moderna vida europeia.

Foi ele quem a desentorpeceu da imobilidade ascetica de dois seculos de clausura.

Foi ele que em todas as articulações a sacudiu da presumida enfatuação academica dos arcades e dos elmanistas.

Foi ele quem a retemperou e corrigiu na tradição do povo, embebendo-a na limpida corrente da sua poesia nativa, impregnando-a de todas as emanações do torrão natal, dando-lhe uma inesperada viveza de sol e d'ar livre, um novo e saudavel perfume d'urze, de giestas e de estevas, tornando-a fluida como o azeite dos nossos olivaes, vermelha e espumosa como o mosto dos nossos vinhos, saudosamente sussurrante como as asinheiras dos nossos montados, ondulosa como as cearas dos nossos campos,

matisada e doce como se n'ela vicejassem todas as nossas flores da serra, e por ela escorresse, louro e coruscante, todo o mel das nossas colmeias.

Por meio d'esse instrumento, tão genuinamente nacional, dotou Garrett a sua patria com toda uma nova literatura, pondo em vernaculo e fazendo circular, na tribuna, na imprensa, no drama, no romance, no poema, na critica historica e na critica d'arte, todas as ideias, todos os sentimentos e todas as aspirações do mundo renovado pelas profundas revoluções sociaes e filosoficas do nosso tempo.

A esta cidade do Porto, que foi seu berço, consagrou ele um livro que os abaixo assinados consideram o mais querido monumento da sua terra. Pelo seu premeditado e encantador anacronismo a narrativa do *Arco de Sant'Ana,* tendo por tema uma revolta portuense do seculo XIV, é a imagem mais integral e mais luminosa da vida intima e da vida municipal d'esta cidade, já como aguerrido burgo da edade média, já como cidadela inexpugnavel das liberdades modernas.

Se um cataclismo fizesse desaparecer do mundo a cidade da Virgem, nas paginas imortaes do *Arco de Sant'Ana* sobreviveria para a posteridade o antigo e glorioso castro portuca-

lense, com o seu profundo sentimento localista, com o entranhado e cioso amor dos seus foros, com a humilde e paciente laboriosidade dos seus mesteiraes e dos seus burguezes, em torno da velha catedral do seculo XIII, nos antigos bairros da Sé e da Banharia, ao longo das ingremes congostas, que do paço acastelado dos seus bispos serpenteiam pelos declives da Pena Ventosa, angustiadas e escuras, rumorosas de vida e de trabalho, atravez das muralhas desmoronadas de Afonso IV e de Pedro o Cru, pela Chã das Eiras e por Cimo de Vila, desembocando pelos arcos da Senhora Sant'Ana e da Virgem da Vandoma, pela Porta do Olival e pela Porta Nobre, e alargando-se sucessivamente até se espraiarem nas almoinhas suburbanas de S. Cosme, de Paranhos, de Cedofeita e de Miragaia.

Essas sacrosantas memorias da nossa terra outros escritores as fizeram egualmente conhecidas; nenhum como Garrett as tornou amadas.

A trasladação para o Pantheon dos Jeronimos dos restos d'aquele de quem tanto nos gloriamos, pedem-a os abaixo assinados aos Senhores Deputados da Nação, em nome da honra nacional; pedem-a pela Patria e não pelo cidadão a quem essa consagração é devida;

porque para a maior gloria de Almeida Garrett basta-lhe o nome do seu epitafio.

Em qualquer logar de Portugal em que repousem os seus despojos mortaes, sempre a terra maternal será leve e benigna ás cinzas d'um coração que tão ardentemente a amou!

CAMILO CASTELO BRANCO

O seu ambiente social — A sua estetica
A sua critica — A sua forma literaria
O seu temperamento artistico

Prefacio da edição monumental do *Amor de Perdição.*

Camilo Castelo Branco

O seu ambiente social — A sua estetica
A sua critica — A sua forma literaria
O seu temperamento artistico

Para quem não souber o que era ha quarenta anos a cidade do Porto, será hoje dificil a analise sociologica dos romances de Camilo Castelo Branco. E é sobre essa analise que tem de basear-se, com relação aos livros d'este escritor, o estudo dos personagens, dos costumes e do scenario, bem como o da escolha do assunto, conscientemente ou inconscientemente feita em vista da orientação moral, do sentimento poetico, da receptividade artistica do grupo de leitores que todo o romance se destina a interessar e a comover.

Em 1850 o Porto parecia-se mais com o estreito e cavo burgo medieval que Garrett descreve no *Arco de Sant'Ana,* do que com a cidade comercial, civilisadamente cosmopolita, incarateristica e banal, que hoje é.

Algumas ruas tinham o aspecto mais interessantemente arqueologico ou mais vivamente pitoresco. A antiga Banharia era ainda a esse tempo quasi exclusivamente habitada por latoeiros. Tinha toda ela um tom doirado produzido pela refracção da luz nas bacias, nos tachos, nos candieiros de tres bicos, em cobre polido, pendurados ás portas; e o permanente martelar dos arames aviventava-a com o mesmo ruido laborioso e alegre do tempo em que a Aninhas morava ali perto, ao bemdito arco da Senhora Sant'Ana. A angustiada e tortuosa Reboleira, calçada de enormes lagedos de granito, com os predios em resalto na altura do primeiro andar, como nas velhas ruas da Flandres, deixando apenas ver do ceu, por entre os beiraes dos telhados, uma estreita fita azul e serpenteante, era fechada á borda do mar pelo gotico arco da Porta Nobre; e ás tres horas da tarde, no verão, envolvia-a já uma sombra do crepusculo, e o cheiro picante e aperitivo das aduelas batidas pelos tanoeiros á porta de cada loja dava-lhe uma refrigerante sensação de adega. A rua das Hortas lembrava um trecho de bairro antigo de Tanger ou de Marrocos, coberta com os seus largos toldos de linhagem branca, cheia de cães de caça, semi-selvagens, podengos e galgos, que dormiam estiraçados a toda a lar-

gura e a toda a extensão da rua, por entre os feixes de verga de ferro e os balotes de linho em rama.

Os bons mercadores dos Clerigos, da rua Nova dos Inglezes e da rua das Flores, muitos d'eles antigos soldados dos batalhões da Carta ou dos Voluntarios da Rainha durante o cerco, ex-oficiaes da Guarda Nacional sob o governo da Junta do tempo da Patuleia, falavam á gente, pimpando detraz dos seus balcões ou das suas carteiras com a mesma catadura imponente e magestatica que teriam nas cadeiras curues das casas do concelho portucalense, ou de cima das burras de juizes do povo em dia de real cortejo, ao som jubiloso dos atabáles e das charamelas pela Ribeira fóra.

Eram eles — diziam com persuasiva enfase — os que se tinham batido nas linhas ao lado do Imperador contra as tropas de D. Miguel; eles os que de baioneta á ilharga, patrona nos rins e escopeta ao hombro, tinham dado á Nação as instituições modernas, e á senhora D. Maria II o trono dos seus avós; eles os que guardavam, com uma das visceras de Pedro IV, a chave do bem conhecido *baluarte das liberdades patrias,* e das *arrojadas iniciativas;* eles os que, pela energica resistencia da sua atitude, tinham feito fugir para Lisboa, corrido, achichelado, o famigerado

régulo José Cabral, mais conhecido pela alcunha de *José dos Conegos;* eles emfim, os que tinham prendido e engaiolado no Castelo de S. João da Foz, á ordem do povo, o duque da Terceira. Pelo que, com legitimos fundamentos e sem falsa modestia, julgavam poder considerar-se o sal da terra.

Da politica propriamente dita tinham uma ideia longinqua e nebulosa, a que a palavra *ladroagem* servia de vaga sintese.

O Passos José, na sua casa da viela da Neta, mantinha, por gosto de ofício, um constante fermento de rebelião democratica; e verdadeiro *Representative-man* da burguezia nacional, de cara rapada, grande gravata de seda preta á Directorio, barrigudo, de chapeu alto arrojado para a nuca, longa sobrecasaca aberta e voejante, calças de alçapão muito curtas de pernas, transpirando sempre, deitando as palavras abundantes em borbotões pela boca risonha e forte, ele frequentava com assiduidade o *pasmatorio dos Loios* e do Largo da Batalha, e ia regularmente de loja em loja, batendo no hombro aos lojistas, desabotoando-lhes e abotoando-lhes os coletes, enfiando-lhes o dedo pelas botoeiras dos casacos, dando-lhes piparotes no estomago, e informando ao ouvido de cada *patriota-eximio,* que era todo o mundo,

sobre o estado da *causa,* expressão generica resumindo tudo o que se referia ao plano de subsequentes *bernardas.*

Era pelas narrativas sibilinas, atabalhoadas, contraditorias, sempre confidenciaes, d'esse agitador ingenuo, simpatico, popularissimo, ainda mais do que pelas cartas do Braz Tisana no *Periodico dos Pobres,* que o burguez portuense tinha conhecimento do *que ia por essa Lisboa!* E, tão sistematicamente hostil ás altas classes dirigentes como ás classes aristocraticas, depois de tomadas para esse efeito as devidas precauções, averiguado que não havia baionetas de patrulha na rua nem mocas de caceteiros á esquina, trancadas as portas, no recesso trazeiro da loja, entre as barricadas dos baetões e dos panos patentes, o burguez do Porto arrazava ali assim a sociedade inteira, e botava abaixo tudo — metafisicamente, já se deixa ver — por meio de gestos subversivos e contundentes, d'escacha-pecegueiro, manejando o ponderoso covado de pau preto chapeado de ferro, n'um truculento jogo de varrer, em familia.

Com essa doce mania beligerante eram no fundo os homens mais ordeiros e mais pacificos: irmãos de confrarias, mesarios de irmandades, fidelissimos ás pomposas procissões da Trindade,

do Carmo e de S. Francisco, fervorosos devotos do Senhor de Matosinhos e do Senhor da Pedra, e grandes festeiros de S. João. Alguns iam á missa das almas em cada dia. Todos frequentavam regularmente os sacramentos e visitavam aos domingos de tarde o Senhor Exposto.

Em toda a classe comercial não havia um só bigode, e nenhum negociante digno d'este nome se vestia senão de preto, colete de setim e longa sobrecasaca, sendo o capote bandado de veludo obrigatorio para ver a Deus. Os inglezes, comerciantes de vinho, que apareciam na praça de chapeu branco e calças de xadrez, como o Forrester, o Miller, o Smith, o Stewer, o Allen, constituiam salpicos assarapantados, de uma garridice exotica e heretica, sobre a grande massa ortodoxa e sombria da população grave.

Além da colonia britanica, havia a colonia *brasileira* constituida por humildes e operosos minhotos, que vinte ou trinta anos antes haviam partido barra fóra, de carapuça encarnada na cabeça, chinelas de couro crú, jaqueta e calças de cotim, com uma chave pendente no pescoço por um cordel, pálidos, engoiados, confrangidos de incerteza e de saudade no tombadilho da galera *Castro* ou do brigue *Carolina,* entre uma pequena caixa de pinho e um estreito colchão

de embarque. D'esses pobres e corajosos pequenos muitos desapareciam inteiramente, não se tornava a saber d'eles desde que o navio, pondo ao longe um ponto cinzento na bruma côr de perola, se esvahia de todo na humida profundidade do horisonte; e as lagrimas choradas no Paredão das Lagrimas pelas mães que lhes acenavam o derradeiro adeus, eram as ultimas que a patria lhes consagrava. Alguns regressavam ricos. Usavam dispendiosamente botinas de duraque gaspeadas de verniz, calças brancas, quinzena de alpaca, chapeu de Chile, bengala de unicorneo em punho, alfinete de brilhantes no peito anilado da camisa. Traziam comsigo variadas lembranças da natureza tropical: um ou dois papagaios, latas de goiabada ou de compota de Cajú, especialidade de café e de mandioca e um cheiro assucarado de abacaxi, de canfora e de Agua Florida. Os que partiam enchiam em cada viagem todos os navios de longo curso construidos no estaleiro do Ouro. Os que voltavam enchiam apenas um banco de jardim, ou dois, na Praça Nova, na Alameda das Fontainhas ou no Jardim de S. Lazaro.

Os divertimentos, tirando as vigilias dos santos populares, como os tres Samjoões, da Lapa, do Bomfim e de Cedofeita, as procissões e as romagens suburbanas a Paranhos, á Ra-

mada Alta, a Matosinhos e a S. Cosme, eram raros. Havia na rua da Fabrica a Sociedade Filarmonica dando concertos mensaes durante o inverno; havia a Assembleia Portuense na rua do Almada com mesas de voltarete e outros jogos de vasa e de sonolencia, autorisados nos estatutos; e convidava para um baile por ano as pessoas gradas do comercio e do funcionalismo a Feitoria Ingleza.

Nas casas particulares as reuniões tinham o nome de *sucias,* e havia-as de convivio selecto e fino tracto. Convidava-se modestamente para a chicara de *agua morna,* mas havia sempre a magnanima surpresa de algum chá discretamente acrescentado ao liquido prometido. Fatias de pão com manteiga e doçuras variegadas cercavam, na bandeja que seguia a da agua morna, o cão ou o coqueiro de prata ouriçado de pálitos. Os homens pitadeavam-se com estrepito das caixas uns dos outros, e as senhoras submergiam-se no jogo do loto, até que ás dez horas, tendo chegado os moços com os lampiões e com os sacos dos chales das senhoras Simôas, das senhoras Ambrosias e das senhoras Inezes, debandava a agradavel companhia. Metia-se nas espevitadeiras o derradeiro morrão de velas, e arrecadavam-se os cartões do loto, emquanto as visitas, em galochas, com dois

lenços na cabeça, atabafadas até os olhos, recolhiam lentamente, redondas d'agasalhos como enormes aboboras ambulantes, batendo os lagedos das ruas desertas e sonorosas com os ferrões dos guarda-chuvas.

Emquanto ao que por esse tempo se passava na sociedade de Lisboa, sabia-se apenas da ladroeira dos Cabraes e das cumplicidades da Rainha, a quem o conde de Tomar dava de jantar em pratos d'ouro, arrancados ao suor do povo em geral, mas principalmente ao da cidade do Porto, sempre a primeira em tudo, até em suar para concussionarios e prevaricadores!

Os homens arrojados e aventureiros que tinham vindo á capital em oito dias de jornada em caleça, ou a bordo do *Vesuvio* ou do vapor *Porto,* referiam-se nebulosamente, como se se tratasse da mais remota das lendas, aos bailes do Farrobo, ás representações teatraes das Laranjeiras e ás saturnaes da Sociedade do Delirio, presidida pelo marquez de Niza. Mas os do Porto, frios, austeros e azedos, suspeitavam que em todas essas folias, tendo por base a rapina, a luxuria e a insensata basofia, havia deficiencia de cordealidade, e, sobretudo, de comestiveis.

O que tirava o sono á tão apregoada bizarria dos Luculos portuenses eram os banquetes e os

bailes de arromba com que os de Vila Nova de Gaia celebravam no Terreirinho e no Domingos Ribeiro a famosa festa das cruzes, cujo arroz doce, acrimoniosamente caluniado pelas familias portuenses e cominado de sucessivas florescencias de bolor, engenhosamente encobertas pelos artificios da canela, dera origem ao anexim hostilisante do *arroz de sete pelos.*

Durante o verão o folguedo predilecto das familias abonadas eram as merendas e os jantares *pelo rio acima,* a Quebrantões, ao Freixo, á Pedra Salgada, á quinta da China. Aos domingos, depois da missa primeira, o patrão trazia da feira do Anjo a provisão das laranjas e dos pecegos de Amarante, um melão afiançado e a indispensavel melancia. Um cesto levava as frutas, outro cesto maior e mais abarrotado, coberto por uma alvejante toalha de linho de Guimarães, levava os talheres, o alguidar de arroz de forno com o pato e o salpicão, a pescada frita, os grossos *moletes* de Valongo, e a borracha atestada de vinho maduro da Companhia do Alto Douro. Fretava-se um dos grandes barcos de Avintes, remado por mulheres, um tanto escalavrado, destingido pelas soalheiras, semelhante no aspecto da madeira e do cordame e uma velha nora descida para a agua de uma horta ribei-

rinha, cheirando a broa fresca, a cebolinho e a feno. A familia toda — o marido, de calças de ganga e chapeu de sol, a mulher, os filhos, a criada com *roupinhas minhotas,* e os dois marçanos, em chinelas de bezerro compradas nas Congostas, camisa de linho caseiro, nisa de briche e chapeu braguez de copa alta e aguda — tomavam metodicamente assento á ré, sob o tolde branco, rusticamente armado em varas de pinho, como um parreiral suspenso. Os açafates com os viveres eram depostos á prôa. E a alegre barcaça lá subia vagarosamente o rio sinuoso, angustiado entre duas serras, no marulho da corrente cortada pelo pachorrento chaveco de agua doce, ao som de uma barcarola em côro agudo entoada em terceiras pelas remadoras. A alface era catada e ripada e a salada feita á hora da refeição no logar escolhido, na mesa de pedra debaixo das nogueiras, com vista para o rio, á beira do poço com a borda coroada de mangericões e de craveiros, ou depois de uma excursão por entre sebes de marmeleiros ou ao longo de ruas de alfazema em busca de mais desusado pitoresco, entre os milhos, n'um corrego pedregoso aveludado de musgo, perto de um fio d'agua, em que se metia a refrescar a borracha.

Pela noite os que, tendo ficado na cidade, tomavam o fresco na alameda das Fontainhas, viam em baixo, na agua tumida e glauca, polvilhada de ouro pelo reflexo das estrelas, deslizar de volta as barcas das musicatas, iluminadas de lanternas á veneziana, lentas, misteriosas. As melodias embaladoras de Bellini e de Donizetti subiam do rio suspiradas nas rabecas, harpejadas nos violões como n'uma ronda aeria de sereias e de silfides, e os ecos do Vale de Piedade e do Vale de Amores enchiam-se com as sonoridades plangentes e esmaecidas da *Casta Diva* e da *Sombra de Nino.*

Em terra firme, o meio de transporte habitual das familias, para o teatro de S. João, para os bailes, para as romarias, era o famoso carroção, vehiculo de quatro rodas, da fórma de um predio, com duas fachadas lateraes de cinco janelas cada uma, e porta ao fundo, a que o passageiro subia por quatro degraus de escada guarnecida de um corrimão. Uma junta de alentados bois de Barroso puxava pelo monumento. Nas duas fachadas, por baixo das janelas, lia-se em grandes letras, alegres como bandeiras desfraldadas a toda a extensão do edificio, o nome do sumo arquitecto — *Manoel José d'Oliveira.*

Livreiros havia dois na cidade, a esse tempo — o Moré, á Praça Nova, e o Cruz Coutinho, aos Caldeireiros. Mas o consumo dos livros não dava para sustentar esses dois estabelecimentos de comercio. Moré acumulava com o negocio das letras, o da perfumaria e o da quinquilheria. Cruz Coutinho vivia principalmente de editar repertorios, folhinhas e folhetos populares, como o *Carlos Magno,* o *Bertoldinho,* o *João de Calais, Os tres Corcovados* e a *Bela Magalona.*

Além dos referidos livros tinham algum curso, e andavam de emprestimo pelas familias curiosas de leitura amena, alguns dos romances de Eugène Sue, traduzidos pelo medico Reis. Lia-se tambem Paulo de Kock, traduzido e editado em Lisboa, bem como *Maria, a filha do jornaleiro, O testamento da velha do Cortiço,* a *Eleição do juiz dos bebados no dia de S. Martinho,* as *Cartas de Eco a Narciso* e de *Heloisa e Abélard.* N'um famoso estudo critico, o austero e venerado Alexandre Herculano tinha posto as pessoas honestas de sobreaviso contra a dissolvente literatura de botequim cultivada por Balzac e por Alexandre Dumas. O poeta cego Antonio Joaquim de Mesquita publicára, entre varias outras obras poeticas, o *Porto invadido e libertado* e a *Defeza*

das mantilhas. O humanista Henrique Ernesto de Almeida Coutinho dera á estampa, além das suas odes, algumas traducções de Pope e de Byron. José Maria de Souza Lobo traduzira em volume *Maria Tudor,* de Victor Hugo. Finalmente, o bem conceituado conselheiro Rodrigues Bastos dera a lume os seus *Pensamentos e maximas* e o romance intitulado *A Virgem da Polonia.*

Fóra da publicidade, coligindo livros, ocupando-se de investigações historicas, juridicas ou literarias, citavam-se alguns eruditos — José Gomes Monteiro, Tomaz Norton, o visconde de Azevedo, Vieira Pinto.

Do fundo da espessa população comercial, abastada, rotineira, carola, consideravelmente snobica, destacava-se, em violento contraste com ela, uma mocidade inquieta, nevralgica, atrevidissimamente explosiva.

No dandismo, Ricardo Brown, e Manoel Brown, Payant, Almeida Campos, Henrique Maia, Barbosa e Silva, Antonio Guedes Infante, Eduardo Chamisso, João Negrão, José Eduardo da Silva Pereira, José Passos, Eduardo Soveral, José Augusto de Carvalho, Paiva de Araujo, o que mais tarde deu o seu nome a uma *cocotte* celebre no Paris do segundo imperio.

Na literatura, Arnaldo Gama, Evaristo Basto, Gonçalves Basto, Antonio Girão, Ribeiro da Costa, Delfim Maria de Oliveira Maia, Antonio Coelho Lousada, Alexandre Braga, Soromenho, Soares de Passos, Ricardo Guimarães, Amorim Viana, Faustino Xavier de Novaes, Marcelino de Matos.

A maior parte d'estes rapazes tinham pegado em armas no tempo da patuleia, já alistados nos batalhões academicos ou na Guarda Nacional, já como ajudantes d'ordens ou ajudantes de campo dos generaes guerrilheiros, como o Povoas e o Mac-Donell. D'esse tirocinio guerreiro ficára-lhes o aspecto marcial, o temperamento batalhador, o estilo intrepido, o bigode arqueado. Vestiam-se em geral de um modo comum — calças á hussard, casaca ou sobrecasaca abotoada até ao pescoço, grande laço na gravata á lord Byron ou á Antony. Como agasalho envolviam-se romanescamente no *plaid* de Walter Scott, em quadrados escocezes. Eram de rigor as esporas e o *casse-tête,* que se trazia suspenso do pulso por uma aza de couro. O de Camilo era uma formidavel clava de Hercules romantico: na extremidade oposta á correia, que poderia servir de sôga a um boi, agarrava-se á grossa cana da India um temeroso chavelho de veado, reforçado por

uma argola de ferro; se o inimigo cometia a inadvertencia de empolgar em defesa propria esse terrivel castão destinado a acachapar-lhe o craneo, do lado da aza dava-lhe meia volta á pega do mortifero instrumento, um calço de mola saltava, e de dentro da cana desembainhava-se uma baioneta de dois palmos e meio, com que era atravessado pelo abdomen o adversario imprudente. Foi com esse cacete monumental que, n'um dos frequentes conflitos do teatro de S. João, tendo um baritono, chamado Gorin, levantado a mão para José Barbosa e Silva, Camilo lhe partiu o braço de um golpe.

Além do *casse-tête* a que me refiro traziam-se pistolas de algibeira. Espancado na rua de Santo Antonio, em reivindicação de um artigo de jornal contra a familia Constantino, então em demanda com a familia Bulhão, Camilo, já por terra, com uma larga ferida na cabeça, antes de ser levado em braços para casa do alfaiate Augusto de Moraes, desfechou ao peito do agressor um tiro, de que ele escapou pela circumstancia de trazer em couraça um espesso colete de peles.

As proezas d'esta geração de estouvados, hoje inteiramente extinta, ficaram memoraveis nos fastos da sociedade portuense.

Quando o marquez de Niza foi ao Porto, em viagem sentimental com uma cantora de S. Carlos, alguns janotas portuenses, depois de uma recita no teatro de S. João, partiram a cavalo com os seus hospedes, tomaram de assalto o Castelo do Queijo, ocupado por um destacamento de veteranos, meteram n'um calabouço a guarnição, com sentinelas á vista, condenada a *foie gras* e a *champagne,* e passaram um dia de festa na fortaleza conquistada.

Uma outra cavalgada nocturna dispersou a chicote uma força da guarda municipal, reunida no largo da Trindade, na ocasião de se distribuir o segundo turno de patrulhas incumbidas de guardar a cidade.

Na famosa campanha teatral, sustentada durante uma estação lirica pelos partidarios da Belloni e da Dabedeille, ferveram abundantissimamente, atravez de ovações e de pateadas consecutivas, as provocações reciprocas dos *dilettanti,* as mocadas, os bofetões e os duelos. N'uma ceia oferecida a Dabedeille no restaurante classico da Ponte da Pedra, Camilo, ao levantar um brinde cavalheiresco á Belloni vencida, teve a palavra cortada, bem como a testa, por um copo que lhe arremessára um *dabedeillista* intransigente, infrene e embriagado.

De uma vez, tendo a autoridade prohibido que se entrasse com bengala na plateia do teatro de S. João, viu-se, no intervalo do primeiro ao segundo acto, surgirem na sala e agitarem-se brandidos no espaço inumeros cabos de vassoura trazidos a ocultas do café e da hospedaria da Aguia d'Ouro. Esses instrumentos contundentes, destinados a ficar no campo da peleja apreendidos pelos representantes da autoridade e da força publica, eram ornados de divisas explicativas do fim a que se destinavam. O pau da vassoura de um dos meus amigos tinha escrito á penna esta legenda: «Desencabaste-me com gana, encaba-me com galhardia». Antonio Girão, tendo arrancado do soalho uma trave, ameaçára o administrador do bairro, que presidia ao espectaculo, de deitar abaixo o lustre se a policia ou a força armada ousasse invadir a plateia. A seguir a essa recita, como frequentemente acontecia, teve de ficar o teatro fechado por tres dias para o fim de se proceder a obras de ensamblador e de carpinteiro.

O folhetim nascente, novo genero literario cultivado por Evaristo Basto, Lousada, Arnaldo Gama, Ricardo Guimarães e Camilo, assumiu então uma incomparavel força de hostilidade satirica e picaresca. Sendo rejeitado como can-

didato a socio na Assembleia Portuense, vulgarmente conhecida pela *Sociedade da Herva,* Camilo consagrou a esse acontecimento nas colunas do *Nacional* uma cronica celebre, da qual se contava ter resultado que um dos directores da *Herva* acamou com um extravasamento de bilis, e dois morreram dentro de uma semana fulminados pela congestão.

As controversias jornalisticas degeneravam amiudadamente em vias de facto. O jornalista Novaes Vieira, o *Novaes dos Oculos* ou *Novaes da Patria,* como variadamente lhe chamavam, publicou um artigo de maledicencia, em que tres homens — Camilo, Faustino Xavier de Novaes e um outro cujo nome me esquece — viram alusões pessoaes que resolveram punir. No dia d'essa publicação malfadada, Faustino, chegando ao teatro de S. João, onde o redactor da *Patria* ia todas as noites, encontrou no pateo de entrada Camilo, rebuçado no *plaid,* com o *casse-tête* bamboleando pendente da sôga.

— Quem lhe dá aqui sou eu, que cheguei primeiro — disse Camilo.

Faustino subia á primeira ordem, onde Novaes Vieira assistia de um camarote ao espectaculo. Á porta d'esse camarote, sobraçando uma longa chibata de picaria, passeava o anonimo a que acima aludi. Este personagem diri-

giu-se atenciosamente a Faustino Xavier de Novaes:

— Se v. ex.ª vem tambem para espancar o sr. Novaes Vieira, rogo-lhe o obsequio de esperar de preferencia lá em baixo...

— Lá em baixo está-o esperando já, com logar tomado o sr. Camilo Castelo Branco.

— Nesse caso suplicar-lhe-hei que me faça a fineza de ir para esse primeiro patamar. Eu encaminharei para lá os passos do sr. Novaes Vieira, para cujo primeiro encontro sou eu que tenho a vez. Ha dez minutos que aqui estou. Assim, bem vê...

O drama de expiação, em que o pobre *Novaes da Patria* estava destinado a figurar nessa noite infausta, foi pungente mas breve. Dentro de poucos minutos, o desventurado sahia do camarote em que se encontrava, era rapidamente estreiado com duas chibatadas, galgava como um gamo ao primeiro lanço de escada; d'ahi, rechassado a soco, vinha de um só pulo cahir sob o *casse-tête* de Camilo, no esteirão do fundo, e era consecutivamente levado em braços á botica proxima, com uma brecha na cabeça e duas costelas partidas.

Para todos estes homens, moços, aparentemente fortes, aparentemente despreocupados, violentos, desabridos, uma só coisa grave, irre-

dutivel, sagrada, parecia existir na vida. Era o amor. De tudo mais zombavam. Havia um desprezo convicto e geral pela fortuna, pelo dinheiro, pela consideração social, pelo proprio trabalho, e até pela saude. A mulher, porém, a mulher sensivel, a mulher amante e amada, a simples mulher romanesca, era um idolo para cada imaginação, tinha em cada coração um culto, — culto pasmosamente ingenuo e candido, resistindo a todas as provocações do ridiculo: ao namoro de rua pela hora portuense do *despegar da agulha,* ao namoro de egreja durante a Semana Santa ou na missa da uma hora aos domingos, á carta clandestina com erros de ortografia, á recitação ao piano, ao anel de cabelo, ao bordado a missanga!

Uma especie de vaga alucinação erotica parecia andar no ar espesso de mercantilismo local, não dando ás naturezas delicadas senão uma visão radiante da vida — a visão lirica; como se o destino proprio de cada homem superior fosse atravessar a existencia concentrado e palido, indiferente á sorte da estupida comunidade humana, recluso numa paixão de profundidades incompreendidas e tragicas, indo por uma vereda solitaria banhada de magnetico luar, num planeta de fantasia, a que dois entes se transportam para lentamente irem morrendo longe da

terra desprezivel, envenenados pela febre de um infindavel beijo, n'um tepido aroma de cabelos soltos.

Alguns levavam a exagerada preocupação da sua altiva personalidade até o extremo de fazerem ao publico, em prosa ou em verso, a revelação do seu caso psicologico, como se o seculo estivesse á espera de que esses bons rapazes contassem o que sentiam para que o universo começasse a amar!

N'outros, que não escreviam, o sentimento, por ser menos comunicativo, não era menos intenso nem menos dominador.

A... (compreende-se facilmente a razão porque vou substituir os nomes proprios por simples iniciaes) A., tendo militado em Espanha com a divisão portuguesa, tendo feito como oficial do exercito francez, uma das campanhas do segundo Imperio, rico, elegante, belo, ilustre, saciado de todos os prazeres, desenganado de todas as glorias, descrido de todas as ilusões com que se póde iluminar uma existencia de mundano, fazia periodicamente uma peregrinação de nove leguas a pé para ir a uma montanha da provincia do Douro ver uma rapariga do campo, que tinha os olhos verdes e uma longa trança de cabelos louros. As paredes do quarto em que pernoitava por ocasião d'essas

romagens, encheram-se de versos consagrados á que ele denominava: «A deusa dos olhos garços». A. morreu no Porto, prostrado pelo abuso do alcool, em que tentava afogar o seu longo e pezado tedio, n'um quarto de dormir armado em barraca de campanha, tendo por decoração duas mumias trazidas por ele do Egito, e uma jaula em que se debatia e uivava um leão.

B. percorria ao galope de um cavalo dez leguas por noite, sob as chuvas e sob as geadas do mais rigoroso inverno, para o fim de ir conversar com uma senhora por espaço de meia hora, da estrada para uma janela, em uma quinta perto de Guimarães. N'uma d'essas sortidas misteriosas contraiu uma congestão pulmonar, de que morreu subitamente.

C., tendo enviuvado poucos mezes depois de casado, convencido de haver horrivelmente caluniado por uma suspeita infundada a sua jovem esposa, cuja misteriosa virgindade se demonstrou pela autopsia, desapareceu do Porto, ocultou-se n'um obscuro hotel de Lisboa, e, alimentando-se exclusivamente a *cognac,* morreu em poucos dias. Dentro de uma mala que o acompanhava encontrou-se unicamente um vestido de noivado e uma coroa de flores de laranjeira.

Como não teria sido talvez dificil de prognosticar, quasi todos os evidentes da geração

e da convivencia intima de Camilo Castelo Branco a cujos nomes me referi, faleceram de enfermidades sintomaticas de degenerescencia. Arnaldo Gama, Coelho Lousada, Soares de Passos, assim como Julio Diniz e Guilherme Braga, morreram tisicos. Quatro morreram de lesões cardiacas; dois de *delirium tremens;* dois de demencia; um pelo suicidio.

*

* *

A obra artistica de Camilo Castelo Branco é, sobre o espirito de um sensitivo, o puro e fiel reflexo da sociedade que tentei descrever.

Essa obra é essencialmente provincial, delimitadamente portuense, fundamentalmente lirica.

Os costumes burguezes, considerados sem a atenção enternecida que leva ás pacientes e delicadas pinturas de genero, transparecem na caricatura violenta do «brasileiro» grotesco, do negociante pé-de-boi, do fidalgo analfabeto, do pae caturra, do marido predestinado e lorpa, da velha tia, beata e pançuda, da freira bisbilhoteira em tratamento de hidroterapia benta para a devoção e para o flato.

A influencia da politica e da administração publica, tão consideravel na vida portuguesa, é

invisivel e imponderavel no seu processo de inquerito e analise.

Os seus quadros de interior são premeditadamente expostos com um scenario de farça.

Os caracteres nos seus livros, são delineados de um modo intencionalmente contraditorio, com efeitos imprevistos, claramente destinados a *épater le philistin,* a contradizer a acanhada logica do burguez, a estontear o logista, a contundir com inesperados pontapés as partes moles da psicologia da Calçada dos Clerigos e da Ferraria de Baixo. Aqui está um tolo, que será tolo extreme durante cem ou duzentas paginas, até que o leitor reles chegue a convencer-se de que é mais esperto do que ele. A esse momento porém, a figura dará uma viravolta repentina, para que o leitor aprenda que nos dominios da arte, o tolo, tal como o concebe um homem de espirito, nunca é tão tolo como o tolo real da humanidade inferior.

Identico processo com os personagens encarregados de dar a mais alta medida da virtude, da dignidade, da honra. Desde que o burguez julgue, em sua desbragada ousadia, que compreende esse elevado tipo, e passe a veneral-o, o autor, arregaçando as mangas para evidenciar que não ha subterfugio algum

de empalmação ou de *passe-passe,* dará uma palmada na moleira do seu personagem e far-lhe-ha sahir pelo nariz uma peça de fita ou um ovo fresco.

Porque é preciso que a ralé iliteraria acabe de se convencer de que, unicamente pela circunstancia de saber ler e de ter comprado as nossas obras, ela não é nem mais menos desprezivel do que era antes.

Quem está na piolhice do negocio, — quer seja descontando letras como na rua dos Inglezes, quer seja vendendo arrecadas ás lavradeiras incautas como na rua das Flores, quer seja medindo ao covado panos abretanhados como na Calçada dos Clerigos, pezando quintaes de bacalhau como em Cima do Muro, enfardando linho e emolhando ferro como nas Hortas, embarrilando vinho como em Vila-Nova, ou ensacando farinha como na Feira do Pão, — em coisas d'arte não pensa, não compára, não raciocina. Nem sequer se lhe dá licença de que se comova! Para as altas coisas do espirito e do coração, cá está a humanidade superior, de que o literato é a sublimação mais requintada, mais pura, mais alta, mais inviolavelmente sagrada.

Tal era ha quarenta anos, entre a mocidade culta da cidade do Porto, a compreensão geral

da missão das letras sobre a repelente côdea do orbe.

A conhecida teoria da influencia do meio na genese da obra d'arte, tal como Taine a definiu e a aplicou, inspirando-se na doutrina de Darwin, é de um valor scientifico extremamente hipotetico, se a considerarmos como a afirmação absoluta de uma inevitavel força etnica, de uma fatalidade geografica.

Parece demonstrado que nenhuma correlação fixa, de efeito e de causa, existe realmente entre a obra de um escritor e as suas origens de raça e de latitude. O temperamento pessoal e uma distinta conformação de mentalidade, produzida por especiaes e fortuitos contactos de espirito, bastam para alterar com relação ao desenvolvimento psicologico de cada escritor, á sua visão da alma, da natureza e da sociedade, e á sua compreensão da arte, a influencia do meio fisico, estabelecendo de produto para produto do mesmo paiz e da mesma epoca tão diversos e tão fundamentaes caracteres de diferenciação, como, por exemplo, aqueles que na literatura portuguesa distinguem Garrett e Herculano, João de Deus e Antero de Quental, Soares de Passos e Guerra Junqueiro, Eça de Queiroz e Julio Diniz.

É todavia certo que entre todo o escritor

celebre e o circulo de leitores que o amam, que o admiram ou que o contestam, existem analogias e semelhanças de um estreito parentesco moral.

Desde que se não dá essa concordancia entre a organização mental d'aquele que escreve e d'aqueles que lêem, o autor é incompreendido do seu meio, e pertence intelectualmente a uma raça ou a uma geração que não áquela de que geograficamente ou cronologicamente ele faz parte.

Camilo Castelo Branco não é porém um d'esses fenomenos de extemporaneidade ou de exotismo, de que não são raros os exemplos em todas as literaturas.

Como romancista e como poeta ele é o mais genuino representante literario do sentimento do seu tempo e do seu logar. A sua critica da sociedade portuense não se revela na pintura dos costumes e dos caracteres empreendida no intuito da mais perfeita expressão da realidade, á distancia indispensavel do modelo para a visão comparativa do conjunto, sob o angulo especial da optica na literatura de observação. Essa critica apresenta as anomalias lineares de todo o escorço a que a falta de ponto de vista falseou a perspectiva e comprometeu o claro escuro. É a imagem de uma

multidão, feita no meio d'ela, por via das sucessivas recepções de uma lente em cujo foco sómente se compreendem as figuras contiguas á do operador. D'esse conjunto de quadros, de proporções tão vigorosas quanto desmedidas, evola-se em cada livro do insigne escritor a balada lirica do sentimentalismo apaixonado e o protesto amargo do panfletario insubmisso. Ora toda a mocidade portuense da geração de Camilo tinha no fundo do seu ser o fermento d'essa mesma sentimentalidade e o impulso d'essa mesma rebeldia.

Não viajando nunca — nem mesmo pelos livros — senão no paiz azul da fantasia, ele foi sempre refractario á corrente da «modernidade», que actuou sobre toda a literatura contemporanea, e nos veio de França pelo ascendente de Flaubert, dos Goncourt, de Daudet e de Zola. O proprio Balzac o não tocou senão de um leve estremecimento superficial, puramente epidermico.

Não o atormentou nunca essa morbida mas envolvente e hipnotica curiosidade da analise subtil e infinitesimal de cada alma por mais humilde que ela seja, e de cada influencia mesologica por mais tenue, por mais fugidia, por mais efemera que ela pareça no conjunto dos agentes exteriores de cada um dos nossos

actos, de cada uma das nossas ideias, de cada uma das nossas emoções.

Para objectos d'esses delicados e perscrutadores estudos de sintomatologia psiquico-mecanica, os modernos escolhem os casos mais reconditamente e mais especialmente caracteristicos nas crises produzidas pelas enfermidades do raciocinio e da vontade, perante os impulsos contrarios das forças sociaes, das forças especulativas e das forças afectivas, no fundo misterioso e perturbante de todo o destino humano; e dão a preferencia da aplicação nesses casos ao episodio em que mais vivamente se revela a influencia do ultimo instante decorrido no tempo ou na civilisação, o reflexo da ultima teoria descoberta, do ultimo excitante revelado, da ultima moda, da ultima doença, do ultimo vicio.

A sua compreensão da mulher, o seu feminismo, nada tem da laboriosa e intrincada complexidade caracteristica da arte nova. Nos seus romances a dama provocadora das altas paixões, a mulher de luxo amada, é sempre a mulher *bela* e *amante*. Ora os modernos principiam por distinguir na mulher perturbante o dom de amar e o dom de atrair, duas coisas diversas raramente juntas. Para os efeitos da paixão eles consideram unicamente duas especies de mulheres: as que ainda seduzem e as

que já não seduzem neste fim de seculo, desgastado de mil preocupações, combalido de mil achaques. As que seduzem são as mais estranhas, as mais diferentes das outras no fisico e no moral, as que teem mais ideias proprias, quanto possivel originaes, reveladas nas maneiras, no olhar, no estilo da *toilette* inventada para o seu ar e para a sua estatura, na escolha dos moveis, das joias, dos *bibelots*, das flores, dos perfumes, destinados a completar a expressão do seu ser, a decifração do seu enigma, o misterioso equilibrio do seu encanto. A beleza propriamente dita, ou o que antigamente se conhecia por esse nome, deixou artisticamente de ter valor apreciavel, e passou com as velhas entidades metafísicas á categoria de extinto preconceito classico.

Nos dramas de alta paixão ou nas simples merendinhas de sentimento, saboreadas hombro a hombro, por detraz de um leque ou debaixo de um castanheiro em flôr, o sortilegio feminino deixou de ser composto da graça rudimentar de um rosto e da indefinida expressão de um olhar. Ha em cada um dos mais singelos episodios da moderna vida sentimental toda uma crise de sistema nervoso, entrecortada de exaltações e de abatimentos, de frenesis e de espasmos, de alucinações liricas, de caprichos

fantasticos e de frios calculos burguezes, atravez da qual o coração sucessivamente se inflama e se enregela, e se debate no extremo paroxismo da comoção, se enraivece de colera ou se adormenta no sono liso e branco da indiferença. E são elementos quimicos integrantes d'esses sucessivos estados d'alma os preparados ferruginosos e arsenicaes, o brometo, o amoniaco, o eter, a morfina, e a vaga sugestão de um quadro, de uma leitura, de um tom de paisagem, da côr de um estofo, da curva de um espartilho, de um efeito de luz num bico de escarpim ou numa ondulação de cabelo, de um leve fremito de respiração entrecortada, de uma ponta de perfume calido, epidermico, errante no ar ambiente.

Os modernos são em filosofia inconscientistas ou deterministas. Não vêem em cada fenomeno humano senão um resultado, até na vontade para escolher, até na força para resistir. Consideram a vida de cada homem como um veio d'agua cristalina e corrente, cujos aspectos dependem das sucessivas aparencias da natureza circunstante, da estação do ano, da hora do dia, da côr do ceu, da temperatnra e de cada uma das coisas exteriores e casuaes que por uma e outra margem decorrem e n'essa agua se espelham, escurecendo-a ou iluminando-a, fazendo-a alternadamente bramir e esbra-

vejar nas rochas, gemer paciente e resignada nos açudes, ou espreguiçar-se com voluptuosa doçura nos vales tranquilos e verdejantes, rindo e cantando ao sol, calma e luminosa, entre os trevos em flôr ou por meio de canaviaes e de ulmeiros gorgeados de melros e de cotovias.

Para exprimir pela magia da frase cada um d'esses efeitos, para registrar pela notação literaria cada um d'esses pormenores, aparece um estílo novo, contaminado de neologismos de toda a origem, contribuição literaria de todas as sciencias, de todas as artes e de todos os oficios, com articulações sintaxicas as mais flexiveis e as mais variaveis; estilo dolorosamente torturado para dar não só pela acepção do vocabulo, mas pelo aspecto grafico e pelo valor fonetico da palavra, pela fisionomia e pela ondulação da frase, pela sugestão sensoria, termica, optica, acustica ou olfatica, a impressão mais viva, mais aguda, e mais trepidante de todas as imagens apreensiveis pelos sentidos, pelos nervos, pela imaginação, pela memoria.

*

* *

Camilo por sua parte, é, cumulativamente e contraditoriamente, um mistico e um fata-

lista. A metafisica preocupa-o todavia secundariamente na concepção da sua obra. Dada uma aventura d'amor, de desenlace comico ou tragico, envolvendo uma paixão profunda, prestando-se a cavaleiros desenvolvimentos de capa e espada, — uma violação de clausura, um escalamento de jardim, uma cavalgada, uma espera, um homicidio, um rapto, com um ou dois personagens burlescos sobre os quaes se descarreguem os sarcasmos — ele narrará essa aventura.

Espiritualisará e sublimará a paixão em amplos trechos de uma prosa vermelhejante e febril, com uma larga sonoridade elegiaca, entrecortada de soluços, escorrendo pranto, n'um ritmo grave e dolente, de uma vernaculidade nativa, de uma poesia inteiramente local, em que a alma da raça parece palpitar, dolorida, amorosa e nostalgica, como na melopeia tradicional e anonima de um menestrel, que perante um auditorio extatico, n'uma veiga, em noite de luar, vae dizendo ao alaúde a tragedia de um povo.

No decurso da acção o leitor assistirá ao rapto do mosteiro pelo alto muro da cêrca, e á emboscada, n'um souto, com os homens ocultos pelas carvalheiras, no fundo de uma azinhaga por traz de uma quinta, ou n'um

encruzamento de caminhos de serra, perto de um cruzeiro ou de uma caixa das almas. Ouvirá o tropear dos cavalos que se aproximam a meio trote, equipados para a aventura, de rabos atados, pistolas nos coldres, bacamarte no arção, orelha fita, ventas palpitantes e rompões novos. Verá reluzir as choupas na ponta dos varapaus. Escutará as vozes rapidas e imperativas de prevenção ou d'ataque, o estalir das fecharias que se engatilham, o cascalhar das pederneiras nas caçoletas das clavinas, o estampido dos tiros, e o despejar dos cavalos a toda a brida, desfazendo a estrada ás unhadas, desferindo fogo dos silex desengastados do macadam.

Essa leitura será ainda para o leitor moderno uma viagem retrospectiva com aparições estranhamente pitorescas atravez das nossas provincias do Norte, o solar do antigo fidalgo, com o portão de ferro escancelado e carcomido, o palacio ao fundo do pateo solitario e cavo, aflorando ortigas e malvas pelos rasgões do lagedo, entre as cavalariças e cocheiras escancaradas e desertas; a mobilia da sala de fóra, ao alto da escadaria exterior, constante de uma arca, um banco de carvalho tendo pintado no encosto o brazão da familia, um retrato a oleo pendente do muro, e uma bra-

çada de marmeleiros e de varapaus argolados a um canto.

O convento de freiras, de janelinhas gradeadas com rotulas escuras nas paredes brancas, ainda habitado, disciplinado e regido conforme o estatuto primitivo, com a sineta por cima da portaria tocando ao côro, o *outeiro* no pateo pelas festas da eleição da prelada, a visita á grade com o chá servido pela roda, e a serenata de violões passando a deshoras, em noites de luar, á volta do edificio cerrado, silencioso e aparentemente adormecido. A liteira cabeceante entre os dois machos, ao compasso tilintado pelas guizeiras, com o arrieiro á camba de cada freio, subindo e descendo os corregos precipitosos das serras beirôas. A antiga estrada minhota, trilhada pela mala-posta de Braga, alvejando sinuosamente pelo meio dos pinhaes, das bouças e dos campos de milho, alegrada por um repique de martelos, debaixo das alpendres dos ferradores, no banco de pinchar, e ao longo de todo o caminho nas bigornas dos ferreiros, que anoiteciam e amanheciam a cantar e a malhar os pregos, nas forjas esfumaçadas, entre pomares de macieiras, com mangericos no postigo e ramada á porta. Pontilhões de madeira sobre os rios estreitos e pedregosos, onde se entocam as trutas ou

giram lentamente, denegridas e musgosas, as rodas das azenhas. Podengos descobrindo os dentes brancos e agudos por baixo dos portões das quintas caiadas de amarelo, ou ladrando em cima do muro dos quinteiros, de orelha alta e cauda em báculo. Carros de recovagem, récuas de mulas e almocreves poeirentos, deixando passar a calma do sol a pino no fundo sombrio e hospitaleiro dos grandes estabulos, ou nas abegoarias umbrosas, onde se espreguiçam os gatos e galinhas soltas debicam o solo fôfo de tôjo e d'urze.

Algumas d'estas coisas, nos romances de Camilo, são realmente vistas, de revoada, como as pombas que atravessam o espaço, de uma eira para um campanario. Outras são presentidas apenas no decorrer das paginas. E a narrativa termina pela apoteose de um heroe ou pela glorificação de um martir, em cujo altar o poeta deixa suspensos pelas orelhas, estripados, vasios, abertos de cima abaixo, como chibos mortos, esfolados, amanhados, bamboleantes ao ar com um caniço no ventre, os grotescos que deliberou imolar.

Não é um analista, um observador, um critico, e póde-se dizer que para o seu espirito, rebelde á pintura e á musica, quasi não existem as formas, as côres e os ruidos do mundo

exterior. É um psicologo especialista de histerias eroticas e é, sobretudo, e muito acima de tudo, o mais «romanesco» de todos os romanticos, isto é, aquele que, por um certo pendor de imaginação, por um pessoal dom de espirito, entre seres de selecção aristocratica pelo talento, pela coragem, pela força, ou por um simples desdem altivo de casta privilegiada, mais especialmente e mais restritamente se compraz em fazer viver a poesia das paixões fulminadoras, dos sacrificios ilimitados, dos desesperos eternos, das perfeições absolutas.

Não é, porém, aos francezes da mesma indole poetica e dos quaes Feuillet é o chefe, que teremos de comparál-o para estabelecer a genealogia da sua estetica. O romanesco de Camilo Castelo Branco é transportado ás condições da vida contemporanea — o romanesco dos espanhoes do seculo XVIII. Procede inicialmente da dinastia dos *Amadises* e dos *Palmeirins*, e participa do genio peninsular de toda a literatura poetica subsequente; do lirismo contemplativo de Santa Tereza, do místicismo dramatico de Calderon e de Lope de Vega, da satira picaresca de Cervantes, de Hurtado de Mendoza e de Quevedo.

D'esta filiação poetica, das intimidades da sua vida provincial nas regiões do paiz em que

mais puramente se conserva a vernaculidade da lingua nos modos de dizer do nosso povo, da elementariedade da sua psicologia, dos seus metodos pouco insistentes de observação e de analise, resulta a natureza do seu estilo.

A febril inquietação do pensamento moderno leva os nossos escritores de decadencia á prosa mais premeditadamente irregular, mais conscienciosamente incorrecta.

São as inevitaveis acumulações de neologismos, de barbarismos, de construções espurias, desconjuntando a gramatica, atropelando as velhas regras da magestade e da serenidade classica, arrostando temerariamente com os galicismos, com as rimas, com os hiatos, com as cacofonias, com as assonancias, com as ambiguidades de toda a especie, n'um descaso absoluto da retorica elementar e de todos os seus preceitos de pureza, de eufonia, de cadencia e até de sintaxe. São as expressões extravagantes á força de quererem ser concisas, ou pitorescas, ou iluminantes. São as insistencias da sinonimia, e as redundancias de imagens e de perifrases, em que a palavra, tripudiando no mesmo ponto, parece marrar para a direita e para a esquerda contra um obstaculo invisivel, — a impotencia da lingua antiquada para a figuração viva de sentimentos novos e ineditos.

Camilo pertence ainda ao periodo das responsabilidades classicas. O seu vocabulario é talvez o mais copioso que existe em escrita portuguesa. Os seus giros de locução, as suas cadencias de frase, as suas formas sintaxicas, o equilibrio e o ritmo da sua prosa teem a fluencia, a harmonia e a limpidez literaria das obras magistraes. A sua lingua, como a de Castilho e de Latino Coelho, é um desenvolvimento da lingua de Vieira e de Bernardes. Ele é o derradeiro dos filintistas, e pelo lado tecnico, a sua obra literaria ficará como o ultimo protesto contra a progressiva decadencia e proxima dissolução da pureza academica do nosso idioma.

*

* *

Pelo conjunto total das exuberancias e das deficiencias da sua natureza de escritor, pelas suas qualidades e pelos seus defeitos, pelo seu temperamento, pela sua educação, pela sua obra, que é a imagem da sua vida, o nome de Camilo Castelo Branco representará para sempre na historia da literatura patria o mais vivo, o mais carateristico, o mais glorioso documento da actividade artistica peculiar da nossa raça, porque ele é, sem duvida alguma, entre todos

os escritores do nosso seculo, o mais genuinamente peninsular, o mais tipicamente portuguez.

O *Amor de Perdição,* reeditado hoje, é para o autor o primeiro estadio na posteridade, em que o seu espirito acaba de entrar, duas vezes coroado pela gloria e pelo martirio. A branca palpitação d'aquele lenço humido de lagrimas, que na ultima pagina d'este romance se vê ao longe acenando do alto de uma colina á janelinha gradeada de um convento de freiras, já não envia sómente, do meio da cidade ruidosa e insensivel, o adeus derradeiro ao heroe de uma novela, envia-o tambem ao romancista que a escreveu.

Na contextura d'esta obra, que é historia inconsciente de uma nevrose de familia, ha desde hoje um novo elemento de comoção tragica. Pela sua agonia tão longa, pelo seu fim tão doloroso, o sobrinho de Simão Botelho fica fazendo parte d'este romance de amor e de morte, especie de introdução patologica á biografia do poeta que o concebeu. O espectro da hereditariedade degenerativa passará de ora ávante, novo personagem misterioso e mudo, ao fundo d'estas paginas, seguindo-o mais uma alma dolente, errante na infinita duvida.

E quem sabe se este livro egualmente pre-

cioso como expressão artistica e como documentação medica, equivalente, sob a sua fórma de dramatico e sanguinolento idílio, a um perfeito relatorio dos antecedentes patologicos de Camilo Castelo Branco, não será um capitulo solto da desolante historia geral de todos os talentos na arte?

As complexidades e os requintes da civilisação n'este exgotante fim de seculo estão tornando cada vez mais complicada e mais dificil para todos nós a adaptação ao meio, origem primordial de todos os fenomenos de decadencia no empobrecido organismo humano. A cada novo desenvolvimento do progresso, a cada novo aperfeiçoamento da vida civilisada, corresponde na luta da concorrencia um novo esforço de energia e de vontade, e um proporcional cansaço, cujas consequencias destrutivas recaem principalmente sobre o sistema nervoso central de cada individuo em luta. É o grande mal do tempo, a que os psicologistas americanos deram o nome de *exaustão nervosa.*

É d'essa legião dos combalidos — segundo afirmam os modernos psiquiatras — que procedem os artistas da nossa era.

O poder creativo, a evocação das visões da fantasia para as realidades da arte, a faculdade da expressão literaria levada até os mais

estranhos, os mais imprevistos, os mais agudos, os mais penetrantes efeitos de estilo, presupõe uma diatese de sensitividade, uma acuidade emotiva tão exageradamente irritavel, tão subtilmente vibrante, tão invasiva, tão absorvente, tão predominante sobre todas as demais faculdades do nosso ser, que uma tal anomalia não poderá talvez deixar de considerar-se uma excepção morbida á norma comum, ao equilibrio geral na fisiologia da especie.

A nevrose geralmente designada pelo cativante eufemismo de *talento artistico,* é em certos organismos a fase inicíal da degenerescencia da raça. Tão estreita e tão vaga zona separa o talento das afecções inferiores da mentalidade, que quasi todas as produções literarias se podem classificar pela diagnose alienistica. É a *erotomania* em alguns romancistas da escola naturalista; é o *exagero da personalidade* em certos liricos e em certos panfletarios; é a *monomania da perseguição,* transcendente e filosofica, abrangendo a nacionalidade, a raça ou a especie, na maioria dos pessimistas, historiadores e criticos; é o *delirio das grandezas* e o *delirio das elegancias,* em todos os romanescos contemporaneos; é nos subalternos o *afrodisismo,* o *pornografismo,* a *satiriasis,* o *exibicionismo,* etc.

A visão, ou dramatica ou pitoresca, toma para os artistas uma intensidade superior á do real, e é por eles positivamente *vivida*. Balzac falava dos personagens da *Comedia Humana* como das pessoas vivas com quem tinha relações. O grande Flaubert conta na sua correspondencia que sentiu na boca o gosto assucarado do arsenico com que matou a Bovary, e teve ele mesmo, escrevendo, os primeiros sintomas do envenenamento de que ela morreu. A comoção nervosa que toda a bela pagina desperta é muito mais profunda n'aquele que a escreve do que n'aquele que a lê. Assim, para cada artista, duplicação profissional das causas destrutivas do nosso ser: as que procedem da realidade e as que procedem da fantasia. É talvez a arte um encanto da civilisação, cujo requinte moderno a humanidade é obrigada a pagar com um sacrificio da especie.

Entre os condenados das letras, Camilo Castelo Branco foi dos mais desgraçados, porque nunca teve para o despreocupar do trabalho hipnotico e alucinante da gestação artistica nenhuma das distracções do homem moderno, — nem a ambição embaladora da politica, nem o diletantismo da musica, da pintura, da curiosidade ou do *bibelot,* nem a alegria das viagens, nem a fadiga muscular do *sport,* nem os disper-

sivos deveres de sociabilidade adstritos aos encargos do mundanismo.

Viveu na sua escrita como vive um monge na sua clausura, sequestrado do seculo pelo condão fastiento e desdenhoso da sua indole, não lhe permitindo gosar da vida senão o sabor mordente e corrosivo da paixão amorosa, — de todas as paixões humanas a que mais frequentemente leva a apetecer a morte. De sorte que ele poderia adoptar para si o epitafio de Beyle, compendiando a sua autobiografia na mesma breve epigrafe, resignada e altiva, resumo de todo o destino que teve na terra o seu dolorido coração e o seu grande espirito:

Escrevi, amei, vivi.

EÇA DE QUEIROZ

E

A SUA OBRA

Discurso lido na inauguração do monumento a Eça de Queiroz.

Eça de Queiroz e a sua obra

Discurso lido na inauguração do monumento a Eça de Queiroz

O mais imperativo dever, de espirito e de coração, me obriga hoje a dominar o invetado acanhamento dos meus habitos para o fim de intervir n'um acto publico — o da entrega solene á edilidade lisbonense do monumnto que os amigos e admiradores de Eça de Queiroz lhe consagraram, e do qual o talento de Teixeira Lopes fez uma das mais eloquentes e comovedoras obras da escultura portuguesa.

Senhores representantes da cidade de Lisboa, a vós especialmente tomo a liberdade de me dirigir.

O significativo padrão de que o conde de Arnoso acaba de vos dar posse, representa o apreço em que foi tido por alguns dos seus coetaneos um simples escritor que, inteiramente recluso na religião da arte, se não

entremeteu nunca nos conflitos seculares da sociedade a que pertenceu.

Nunca manipulou negocios, nem dirigiu emprezas, nem exerceu especie alguma de autoridade ou de poder sobre os homens do seu tempo. Não foi general, nem ministro de Estado, nem deputado ás Côrtes, e nunca poderes publicos, nem sociedades sábias ou recreativas lhe votaram a coroa civica, de heroe, de martir ou de simples e incategorisado visconde. Foi meramente um artista na mais extrema e estrita acepção d'esta palavra. E por esse unico titulo, a quem não teve mais nenhum, se erige um monumento. Caso novo e unico nos fastos das consagrações postumas, por meio do qual, n'uma cidade portuguesa, inesperadamente se afirma o vinculo de solidariedade que em certo momento pareceu existir entre a vida civil e a vida intelectual da nossa raça. E é por certo um facto que fica bem a Lisboa ser ela que dê ao paiz, em nossos dias de implacavel egoismo, este primeiro exemplo do subido interesse nacional que alguns cidadãos ainda ligam ás mais puras e inegociaveis especulações do espirito.

Os titulos de Eça de Queiroz a este galardão podem talvez compendiar-se em breves palavras.

Desde os nossos grandes escritores seiscentistas até Garrett nunca mais houve na literatura portuguesa senão estilos derivados, secundarios, imitativos, ostentando pomposamente a inexpressibilidade mais indigentemente academica, e mais inanime. Garrett foi o primeiro que, opondo-se á corrente do convencionalismo, meteu debaixo do joelho o monstro da emfase atavica, da hereditaria retorica, que por mais de dois seculos resfolegara apopleticamente no fundo de toda a nossa produção artistica. Queiroz foi, para a segunda metade do seculo XIX, o que Almeida Garrett havia sido para a outra metade da mesma centuria — o escritor do seu tempo, desprendido de todas as superstições tecnicas, exercendo livremente sobre a palpitante realidade do mundo vivo as suas pessoaes faculdades de analisar e de sentir. Com a diferença: que Eça de Queiroz, especialisando-se no romance naturalista da decadente e complicada sociedade contemporanea, tinha de manejar um instrumento de observação e de notação grafica sumamente mais complexo, de uma impressionabilidade e de uma agudeza incomparavelmente mais descriminativa, mais minudente e mais subtil, que o que empregára Garrett na idealisação poetica das nossas lendas e na dialogação simplistica,

forçosamente convencionalisada e exigentemente declamativa, do teatro historico.

Sem enriquecer o lexicon, como Castilho e como Camilo Castelo Branco, por meio de vozes novas e de vernaculos modismos pela primeira vez trazidos da tradição oral ou da raiz erudita para o discurso literario, Queiroz elevou a uma perfeição de relevo, de colorido e de luminosidade, que nunca antes d'ele se atingira, o que propriamente se chama a *arte de escrever,* dando ao giro da frase, independentemente do rebuscamento do vocabulo, temas melodicos, combinações d'harmonia e efeitos orquestraes do mais dominativo e avassalante poder de sugestiva comoção.

Não é, porém, um retrato literario do insigne escritor que me proponho traçar. O meu fim é unicamente fazer notar a Lisboa que Eça de Queiroz, é, como romancista, o mais fundamentalmente e mais genuinamente lisboeta de todos os escritores nacionaes.

Ele e eu fomos intimos companheiros de trabalho e de estudo durante mais de trinta anos — toda uma vida. Nascemos sob a influencia astral do mesmo mez, eu um dia antes d'ele, e só n'isto lhe passei adeante. Viemos ao mundo e fomos creados na mesma região de Portugal. Embalaram-nos identicas orações

de nossas mães. Crescemos no seio da mesma paisagem, entre os esfumados e saudosos relevos do mesmo monte e a arfante vastidão do mesmo mar. Passamos na sombra dos mesmos castanhaes e das mesmas carvalheiras, entre as amoras e as madresilvas das mesmas azinhagas. Ouvimos o borbulhante murmurio das mesmas aguas regadias, o lento gemer das mesmas azenhas, as ternas cantigas das mesmas esfolhadas, e o alegre repicar dos mesmos sinos, nas vigilias dos mesmos santos. Foi em Lisboa que mais tarde nos encontramos, ainda moços, mas bem diferenciados já pela influencia do temperamento e pela dos contactos da vida na formação e descriminação da personalidade. Eu, mais acentuadamente sanguineo, grossamente musculoso, antigo passarinheiro, caçador de coelhos e pescador de trutas na sussurante espessura dos espinhaes, e na desnevada corrente dos rios angustiados e precipitosos das serras da nossa provincia, era, e fiquei para sempre, nostalgicamente minhoto, e como tal com vocação atavica para viajante e para embarcadiço, gostando de ver terras e de andar nas aguas do mar, adaptando-me facilmente a todos os meios cosmicos e domando-me a tudo. Ele, delicado, nervoso, eminentemente cerebral, prodigiosamente imaginativo, fôra

desde logo em Lisboa como que hipnoticamente atraído e aliciado pelo dramatico problema de humanidade que encerram as quatro paredes de cada predio ao longo dos populosos arruamentos de uma cidade. A perscrutação d'esse fenomeno, compreendendo toda a cerebração e todo o emotismo de um logar e de uma epoca, tornou-se a absorvente e dominativa curiosidade do seu espirito.

Lisboa foi desde então o seu laboratorio de arte, o seu material de estudo, a sua preocupação de critico, o seu mundo de escritor, o seu romance d'ele — iria dizer o seu vicio — a sua fatalidade, o seu destino. E pela razão de que profundamente se ama tudo o que profundamente se estuda, ele amou profundamente Lisboa, e a pouco e pouco se tornou ele proprio enraizadamente lisboeta, lisboeta até ás mais intimas moleculas do seu organismo, até ás mais profundas criptas da sua alma.

Nenhuma das outras grandes e belas cidades em que residiu ou por onde passou — Paris, Londres, New-York, Madrid — teve o condão de o reter e de o seduzir. Em Paris, que por tantos anos habitou, ele nunca foi senão o estrangeiro, o hospede, o emigrado, hostilmente refractario, ahi como em qualquer outra parte, a toda a penetração do cosmopo-

litismo. A ultima vez que o vi, atravessando os Alpes a caminho da Italia, n'um terraço d'hotel, em Glion, tendo sob os nossos olhos o incomparavel panorama do lago Leman, perto do qual, poucos dias antes, nos tinham mostrado as casas que haviam sido o refugio ideal de Wagner e de Ruskin, ele, recebendo-me o abraço de despedida, e velando pudicamente a sua comoção com um disfarce de ironia, deixava-me compreender que o que mais o seduzia e cativava na excursão da Suissa e na viagem da Italia, onde, pouco depois, ele esperava ir encontrar-me, não era o lago de Genebra, nem o lago Maior, nem o lago de Como, nem Roma, nem Florença, nem Veneza, nem Palermo, nem Siracusa, nem Taormina; era simplesmente a chegada do vapor de Napoles ao ancoradouro do Tejo, em frente do Caes das Colunas, ouvindo, ao romper do dia, cantar os galos da Ribeira Velha.

Os seus contos e as suas novelas são o espelho d'esse consorcio do seu espirito com o espirito da vida lisbonense. Se um cataclismo arrazasse Lisboa e subvertesse todos os seus habitantes, pela obra de Queiroz, que poderiamos denominar *A comedia burgueza de Lisboa no ultimo terço do seculo XIX,* se reconstituiria toda a vida da cidade durante o tempo

em que ele foi o mais encantador dos seus cronistas. Sobre as paginas imorredoiras dos seus livros Lisboa inteira passa e se reflecte como n'um rio d'arte, cristalino, suave e passivo: as ruas com o borborinho familiar e carateristico do seu comercio, dos seus pregões, das suas guitarradas; os jardins publicos, as lindas hortas e quintas suburbanas, os passeios da moda, os teatros, os botequins literarios e politicos, as tabernas populares, as casas d'hospedes e de penhores, os interiores de palacios e de habitações burguezas, os clubs, as redacções de periodicos, as scenas de *sport* e as scenas de mundanismo, a religião, a politica, a oratoria, a epistolografia, as modas, as aspirações, os cuidados, os vicios, os fingimentos e as hipocrisias, as taras hereditarias e as psicoses endemicas, com todas as alucinações, todos os letargos, todas as incoerentes anomalias da grande nevrose do nosso tempo.

E n'esse vasto scenario toda uma densa população pulula, ama, pensa, estuda, combate, intriga, devora, ou boceja, e n'uma urdidura de lagrimas e n'uma trama de sorrisos penosamente vae tecendo a fragil teia da vida. As personagens de Eça de Queiroz, que ele arrancou da banalidade da carne para as imortalisar tornando-as tipicas pela aureola da arte, vivem

em nossa imaginação mais poderosamente e mais intensamente do que se fizessem uma parte material do nosso mundo objectivo. Fradique Mendes, Carlos da Maia, Gonçalo Ramires, o primo Bazilio, o padre Amaro, o conego Dias, João da Ega, o Rapozão, o dr. Margaride, o Libaninho, o conselheiro Acacio e outros muitos, são outros tantos autenticos, actuantes, ponderosos moradores de Lisboa que, n'este momento talvez, nos estão ouvindo, ou cujas opiniões, teorias, modos, gestos, expressões fisionomicas e estados d'alma iremos encontrar hoje mesmo na Havaneza, no Terreiro do Paço, no Central, no Tavares ou no Augusto, descendo o Chiado ás 4 horas, passeaudo ao crepusculo na Avenida, ou á noite, no teatro, exibindo-se, pontificando, discursando, flirtando ou aborrecendo-se juntamente com as mulheres, as filhas, as tias, os namoros e as proprias creadas: a alucinante e fatal Maria Eduarda, a desgraçada e tragica Luiza, a condessa de Gouvarinho, a Maria Monforte, a D. Leopoldina, a desordenada Lola, a sentimental e efemera Carmen Puebla, a abominavel Juliana, a tia Patrocinio das Neves, a *hedionda senhora*..

Aos que opinem que d'este grande quadro se não extrae facilmente uma nitida e bem

assinalada lei moral, eu ousarei observar que o fim da arte não é moralisar os costumes por meio do pedantismo de preceituações inuteis. O fim social da arte é simplesmente elevar por alguns momentos de puro extase intelectual as almas de uma multidão acima dos interesses materiaes, que pela persistencia da sua acção pervertem os homens, desassociando-os da sua missão colectiva de fraternidade, de admiração, de indulgencia e de amor perante a eterna harmonia do infinito universo. É d'essa harmonia universal, passiva e transcendente, que a obra artistica procura ser a imagem tenue, irreparavelmente incompleta como toda a sublime aspiração humana do imperfeito para o absoluto.

Terminando, meus senhores, permiti-me dizer-vos que a admiravel obra de Teixeira Lopes, da qual d'ora avante vós sereis os possessores, como que ratifica por uma rutilante afirmação d'arte a minha obscura opinião de critico. Contemplando um pouco detidamente o enigmatico vulto de mulher olimpica, colocada pelo ilustre escultor junto do vulto do meu saudoso amigo, eu concluo perguntando-me se essa gloriosa figura, em vez de personificar uma pura e eterea abstracção estetica, não é antes a estatua mesma de Lisboa, de Lisboa

intima — casta e heroica Frineia, modelo de deusas — desvendando intemeratamente o misterio do seu encanto aos olhos amorosamente perscrutadores do seu primeiro romancista.

FIM

ÍNDICE

Obras de Ricardo Jorge

Canhenho dum vagamundo, 6.º milhar.
Contra um plágio do Prof. Theophilo Braga.
Passadas de Erradío, 4.º milhar.
A Intercultura de Portugal e Espanha no passado e no futuro.
Ramalho Ortigão.

Obras de Augusto de Castro

Amor á antiga, comédia em 3 actos. 2.ª edição.
Caminho perdido, peça em 3 actos.
Campo de ruínas, 2.ª edição.
A Culpa, peça em 1 acto. 2.º milhar.
Dentro e fóra de Portugal. 2.º milhar.
Fantoches e manequins. 2.ª edição.
Fumo do meu cigarro. 5.ª edição.

Obras de Albino Forjaz de Sampaio

A Avalanche	4.º	milhar
Cosmopólia	3.º	»
Crónicas imorais	10.º	»
Gente da rua	9.º	»
Grilhetas	9.º	»
Jornal dum rebelde	6.º	»
Lisboa trágica	12.º	»
Palavras cínicas	35.º	»
Prosa vil	10.º	»
Vidas sombrias	7.º	»

Dores do Mundo, de SCHOPENHAUER, tradução prefaciada por *Albino Forjaz de Sampaio*, 4.ª edição.

Albino Forjaz de Sampaio, (Escôrço bio-bibliográfico) por *João Paulo Freire* (Mário), 1 volume ilustrado.